

Colecção Temática:
Manuais Pedagógicos
de Educação Superior

Acolher e ensinar estudantes internacionais

Susana Gonçalves

Dans un roman que je suis en train d'écrire, occupation que dans ma vie je ne
mène si chaque matin j'y insais tout mon esprit, mais je ne me dis jamais, sauf le
fantastique de pouvoir créer des personnages qui me plaisent, me dérangent, me font
rire, en tous cas m'accrochent, pas comme les humains, pas les tâches, plus
j'ai inventé ~~des~~ personnages. Mon héros Karame, qui habite tout le jardin du Cha
four Eiffel. De ses fenêtres, il observe les allées et venues des femmes, mais je ne
dirais pas le déroulement des romans, la fin surtout. Simplement dire que la ja
si considérable sur le Karame que le cambout ~~ou~~, du temps de Balzac, les fem
dedans leur aiguille en aimant d'un impossible amour comme dit la chanson l'être qui
nation elles sont pour lui. Cette vue de la fenêtre est le miroir magique de devenir possible
à son yeux, je parle de Karame, la femme qui il va voir. Elle aime dans cet espace, le que
que je trouve fait apparaître une forêt et signes à travers laquelle se dessinent, se dessi
chose d'indifférent, moi d'être. Je ressemble à ces horizons, ces champs d'écriture, à
ceux est un tel. Ces lignes ne voient un certain état d'être de la scène: c'est pas ombre
l'être, est-ce que ça en fait la jete? Et, puis de l'être après de la scène: c'est pas ombre
sans les plus contra-gene, il y a quelque chose. Quelque chose, mais par? Je ne saurais le dire
le temps, hors d'écriture la maîtrise de m'arrêter et tout finit avec moi il y a quel que jour
à l'en d'Alger des femmes et d'êtres de romans sur le visage, pas pas pas, qui elle, l'écriture
à l'en d'Alger des femmes et d'êtres de romans sur le visage, pas pas pas, qui elle, l'écriture

FICHA TÉCNICA

Direcção: Susana Gonçalves

Comissão Editorial: Susana Gonçalves, Dina Soeiro, Sofia Silva

Título da Série: Manuais Pedagógicos de Educação Superior

Publicação: Escola Superior de Educação de Coimbra

Paginação: NDSIM/ José Pacheco

ISBN: 978-989-96927-0-1

Depósito Legal: 318962/10

Fotografia da capa e contracapa publicada com autorização do autor, François-Marie
Banier - www.fmbanier.com



«JARDIN DU LUXEMBOURG, PARIS (WRITTEN PHOTO, 2003)- PHOTOGRAPH BY FRANÇOIS-MARIE BANIER"

PROJECTO OPDES: OBRAS PUBLICADAS

www.esec.pt/opdes

COLECÇÃO TEMÁTICA: MANUAIS PEDAGÓGICOS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR

A Colecção temática ‘Manuais Pedagógicos de Educação Superior’ é uma edição científico - pedagógica da Escola Superior de Educação de Coimbra. Nesta série (de periodicidade irregular) são publicados textos pedagógicos para apoio aos docentes do ensino superior, numa perspectiva de formação e aperfeiçoamento profissional.

Manuais publicados:

Nº 1 – Julho, 2010

- Acolher e ensinar estudantes internacionais

Susana Gonçalves (Coordenadora do projecto OPDES, Escola Superior de Educação de Coimbra; Unidade de Investigação e Desenvolvimento e Formação/ Unidade de Investigação e Desenvolvimento em Educação e Formação da Universidade de Lisboa)

Nota. A versão em papel deste manual pedagógico teve financiamento da Comissão Europeia (Programa Erasmus)

SÉRIE DE CADERNOS PEDAGOGIA NO ENSINO SUPERIOR

A Série de Cadernos ‘Pedagogia no Ensino Superior’ é editada no formato de pequenos cadernos A5, incluindo-se em cada caderno dois artigos não temáticos, não necessariamente relacionados entre si.

Esta colecção teve o seu início e desenvolvimento no âmbito do projecto OPDES: Orientações pedagógicas para Docentes do Ensino Superior (ver sinopse no site www.esec.pt/opdes). Este projecto foi financiado pelo Programa Operacional Ciência e Inovação – POCI 2010, acção IV.1.2. “Projectos inovadores no ensino superior”.

Cadernos publicados:

Nº 1

- Aulas expositivas: fonte de fracasso ou sucesso no ensino superior?

Susana Gonçalves (Coordenadora do projecto OPDES, Escola Superior de Educação de Coimbra)

- Recolher e utilizar informação e feedback para melhores resultados no ensino

Alan Kalish (Director da FTAD _ Faculty & TA Development, The Ohio State University, Columbus, EUA)

Nº 2

- Princípios fundamentais para um planeamento curricular eficaz

Donna Ellis (Directora Associada do Centre for Teaching Excellence, University of Waterloo, Canadá)

- A Construção de Contextos de E-learning ou B-learning no Ensino Superior

Dina Soeiro (Investigadora no projecto OPDES, Escola Superior de Educação de Coimbra)

Nº 3

- Estilos de aprendizagem e estilos de ensino

Susana Gonçalves (Coordenadora do projecto OPDES, Escola Superior de Educação de Coimbra)

- Aprendizagem colaborativa: uma proposta ao serviço de uma aprendizagem profunda

Sofia Silva (Investigadora no projecto OPDES, Escola Superior de Educação de Coimbra)

Nº 4

- El crédito europeo: Un nuevo modo de concebir la formación en la Universidad

Miguel Pérez Ferra (Catedrático de Universidad, área de Didáctica y Organización Escolar) e Juan Antonio Callado (Miembro del Grupo de Investigación: "Investigación Curricular y Didáctica de las Ciencias Experimentales"), Universidad de Jaén

- Os Surdos e a Educação no Ensino Superior: Estratégias de Ensino-Aprendizagem

Isabel Sofia Calvário Correia (Docente da área de Língua Portuguesa, Escola Superior de Educação de Coimbra)

Nº 5

- Actividades e trajectos exploratórios da Oralidade no Ensino do Português Língua Estrangeira

Pedro Balaus Custódio (Docente da área de Língua Portuguesa, Escola Superior de Educação de Coimbra)

- Colaboração e reflexão: Mecanismos de uma avaliação transformativa

Dina Soeiro e Sofia Silva (Docentes da área de Psicologia e Ciências da Educação, Investigadoras no projecto OPDES, Escola Superior de Educação de Coimbra)

Nº 6

- Shaping University Culture: Challenges and opportunities for leaders in Higher Education

Christopher P. Adkins & Michael F. DiPaola (The College of William and Mary Williamsburg, Virginia, USA)

- Plagiarism: key issues and pedagogical strategies

Digby Warren (London Metropolitan University, London)

Nº 7 – Julho 2010

- The University's role in developing rights and social equity

Alistair Ross (Jean Monnet ad personam Professor; Emeritus Professor, London Metropolitan University, London, United Kingdom)

- 'In theory, yes; in practice, no': Is this the reality of Education for Citizenship in Higher Education

Henry Maitles, University of Strathclyde, Scotland, United Kingdom; Irena Zaleskiene, Pedagogical

University of Vilnius, Lithuania; Miquel Essombert, Autonomous University of Barcelona, Spain; Eleni Karatzia – Stavlioti, University of Patras, Greece

Nº 8 – Julho 2010**- Uma Proposta para a promoção da competência de síntese a partir de várias fontes em contexto académico**

Leila C.S. Rodrigues, Investigadora do CERNAS e docente na Escola Superior Agrária de Coimbra; e Luísa A: Pereira, Coordenadora Regional do PNEP, investigadora e docente no Departamento de Didáctica e Tecnologia Educativa da Universidade de Aveiro

- A pedagogia no ensino superior: indagar para transformar

Flávia Vieira, José Luís Silva, e Maria Judite Almeida, Universidade do Minho, Braga

Nº 9 – Julho 2010**- Democratização do ensino superior e exigência científica**

João Boavida & Helena Damião (Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra)

- O Programa Nacional de Ensino do Português na ESEC: cooperação, renovação e produção de conhecimento no 1º Ciclo do Ensino Básico

Pedro Balas Custódio (Escola Superior de Educação de Coimbra)

Nº 10 – Julho 2010**- Desenvolvimento psicossocial do estudante do ensino superior: O contributo de Arthur Chickering**

Sofia de Lurdes Rosas da Silva (Escola Superior de Educação de Coimbra) e Joaquim Armando Gomes Ferreira (Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra)

- PBL – Problem Based Learning (Aprendizagem por resolução de problemas)

Adelino M. Moreira dos Santos (Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Tecnologias da Saúde)

Nº 11 – Julho 2010**- Academic fraud in higher education: how to solve the problem and ensure integrity**

Ryunosuke Kikuchi (Departamento de Ciências Exactas e do Ambiente, ESAC – Instituto Politécnico de Coimbra)

- Cultural extension and the integration of Incoming Erasmus students at the ESE Porto

Maria Inês Ribeiro Basílio de Pinho, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto (ESE/IPP)

ACOLHER E ENSINAR ESTUDANTES INTERNACIONAIS

SUSANA GONÇALVES

Instituto Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Educação

SUMÁRIO

Este texto tem como objectivo promover a integração cultural e o sucesso académico dos estudantes internacionais, a partir da intervenção eficaz dos seus professores. Destina-se a docentes do ensino superior e está centrado nos temas mais críticos para o sucesso da aprendizagem destes estudantes: choque cultural, barreiras linguísticas, medidas de integração conduzidas antes, durante e após a mobilidade, aconselhamento académico, métodos pedagógicos, colaboração entre pares, avaliação, plágio e outros incidentes críticos. O texto baseia-se na experiência empírica e nas recomendações de várias universidades estrangeiras, especialmente anglo-saxónicas.

Palavras-chave: estudante internacional, barreiras à aprendizagem, estratégias de ensino, sucesso académico, integração sociocultural

BREVE NOTA SOBRE A AUTORA

Susana Gonçalves é doutorada em Psicologia, Professora Adjunta na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra (ESEC) e Investigadora na Unidade de Investigação e Desenvolvimento em Educação e Formação da Universidade de Lisboa, estando integrada no grupo de investigação “Currículo e Formação de professores”. Para além da actividade docente e de investigação é Coordenadora do Gabinete de Relações Internacionais da ESEC. Tem desenvolvido intensa actividade internacional, fazendo parte do Executive Committee da rede académica Erasmus CiCe: Children’s Identity & Citizenship in Europe e da associação CiCea (Children’s Identity & Citizenship in Europe Association). É membro da rede de Formadores do Conselho da Europa no Programa Pestalozzi: Formação para Profissionais de Educação. Coordena o projecto OPDES (Orientações Pedagógicas para Docentes do Ensino Superior) e a série de publicações sobre Pedagogia no Ensino Superior (Edição da ESEC). É autora e co-autora de artigos, livros e capítulos de livros sobre Cidadania, Multiculturalismo, Direitos humanos, Psicologia da Educação e Pedagogia no Ensino Superior. Tem cerca de três dezenas de trabalhos publicados, alguns dos quais em publicações internacionais.

Este texto está centrado na promoção da integração cultural e do sucesso académico dos estudantes que estudam em países estrangeiros e culturas diferentes da sua e tem como objectivo sistematizar e divulgar intervenções específicas, orientações práticas e estratégias nesse sentido. O sucesso destes estudantes está muito relacionado com as medidas adoptadas para o seu acolhimento e integração e requer o envolvimento activo de toda a comunidade académica, desde o nível das políticas institucionais até ao plano das acções individuais.

As orientações e sugestões práticas incluídas neste caderno podem servir a vários profissionais do ensino superior, mas destinam-se especialmente aos docentes que têm estudantes internacionais. Como tal, centram-se no campo de actuação dos professores e têm em conta alguns dos temas mais relevantes para a sua intervenção com estudantes internacionais, a saber:

- » Choque cultural e problemas emocionais;
- » Questões de linguagem e comunicação;
- » Acolhimento e integração: antes da chegada, durante a estadia e no regresso;
- » Aulas expositivas, debates, trabalhos de grupo e projectos;
- » Tutoria e orientação académica;
- » Comunicação entre estudantes nacionais e internacionais;
- » Internacionalização do currículo e conteúdos académicos;
- » Plágio;
- » Desmotivação e indisciplina;
- » Incidentes e casos controversos.

Parte significativa do texto aplica-se mais directamente aos estudantes internacionais recebidos pela instituição (estrangeiros), mas muito do que fica dito também se aplica ou pode ser facilmente adaptado a outros estudantes. Algumas estratégias são relevantes tanto para os estudantes Internacionais recebidos como para nacionais envolvidos numa mobilidade internacional (por exemplo, estudantes Erasmus). A orientação de professores-tutores e outros profissionais pode ser determinante para os resultados obtidos.

As orientações e estratégias sugeridas têm em conta a experiência pessoal da autora no trabalho com estudantes internacionais e o conhecimento da cultura académica do ensino superior nacional, mas também valorizam as recomendações de vários centros de apoio aos docentes do ensino superior de universidades estrangeiras (maioritariamente de países anglófonos, como os Estados Unidos da América, o Canadá, o Reino Unido e a Austrália) onde a investigação sobre pedagogia universitária tem sido fortemente desenvolvida desde há três décadas. Muitas das universidades nestes países (talvez a maioria), possuem estruturas dedicadas exclusivamente à promoção da excelência no ensino, desenvolvendo funções de investigação e capacitação pedagógica dos docentes. Entre outras actividades, estes centros dedicam-se ao apoio específico e directo a docentes para lidarem mais eficazmente com problemas concretos da actividade de ensino (e.g., uso de métodos de ensino, identificação dos estilos de aprendizagem dos estudantes, promoção da motivação, gestão de problemas disciplinares, fraude académica e plágio, ensinar em ambientes de diversidade cultural, desenvolvimento curricular, planificação de aulas, etc.).

Nas universidades mais internacionalizadas, o acolhimento e integração de estudantes

internacionais é uma preocupação de primeira linha (algumas destas universidades contam com taxas de mais de 50% de estudantes internacionais no cômputo geral

do corpo discente). O *know how* que foram adquirindo ao longo de décadas é uma excelente base de conhecimentos que podemos aplicar, com as devidas adaptações, ao ensino superior nacional.

Sempre que, ao longo do texto, propuser orientações recolhidas centros de recursos de universidades (páginas online ou manuais de apoio pedagógicas) ou outras fontes bibliográficas que servira para a preparação deste trabalho, irei identificando as fontes. Sugiro a consulta dos recursos que são disponibilizados por muitas universidades (em especial as do mundo anglo-saxónico) no seus websites, seguindo os links que irei facultar.

Para outros temas pedagógicos, de interesse quer para o ensino de estudantes nacionais quer internacionais, sugiro também a pesquisa nos materiais produzidos pela Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC) no âmbito do projecto de Pedagogia no Ensino Superior [Orientações Pedagógicas para Docentes do Ensino Superior (OPDES), www.esec.pt/opdes].

1 - OS ESTUDANTES INTERNACIONAIS NÃO SÃO UM GRUPO HOMOGÉNEO

A definição de estudante internacional varia muito e pode incluir grupos bastante distintos de estudantes. Podemos distinguir:

- a) os que estão inscritos ao abrigo de convénios intergovernamentais, de programas de estudos temporários (como o Erasmus), de acordos bilaterais ou multilaterais específicos estabelecidos entre duas ou mais instituições de ensino superior de diferentes países e de condições específicas, como contingentes especiais/*numerus clausus*;
- b) os que estão fisicamente presentes, assistindo às aulas e participando noutras actividades presenciais da instituição de ensino e os que estão matriculados em cursos ministrados em elearning;
- c) os que se matriculam para frequentar desde início até à obtenção do diploma e os que estão a frequentar um período de estudos restrito no tempo (e.g., um semestre ou um ano lectivo);
- d) os que estão registados como estudantes estrangeiros e os que, apesar da proveniência cultural, nacional, linguística diferente da dos estudantes nacionais obtiveram a nacionalidade/ cidadania portuguesa e são dados como estudantes nacionais;
- e) os que pagam propinas e outras taxas e os que estão isentos, pois pagam essas taxas no seu país/ instituição de origem.

A multiplicidade de critérios de definição deixa transparecer que se trata de um grupo com características heterogéneas e que também é visto de formas bastante heterogéneas consoante as instituições que os acolhem. Como tal, existem inúmeras definições sobre o que é um estudante internacional. No presente texto adoptamos e seguimos uma definição genérica: *são estudantes internacionais os estudantes a estudar num país e*

numa instituição estrangeira. Esta definição é dotada de elevado grau de generalidade e, mesmo correndo o risco de estarmos a ser excessivamente abrangentes, escolhemo-

la por ser mais inclusiva do que definições muito específicas e detalhadas e por ser a que melhor se coaduna com os objectivos deste caderno, que são fundamentalmente de natureza pedagógica.

O facto é que os estudantes internacionais não são todos iguais. Basta observar o que se passa actualmente nas salas de aula: é cada vez mais frequente a presença de estudantes com origens nacionais diversas, as turmas incluem múltiplas pertenças e tornam-se cada vez mais multiculturais, os estilos de aprendizagem e interacção em uso variam enormemente. Diferenças nas normas de comportamento académico e variações na forma de encarar regras de convivência a respeito de trivialidades como pontualidade, conversas simultâneas e interrupções ou o questionamento do estudante ao professor podem ser fontes de choque cultural e levar à desmotivação, ao aborrecimento e ao fracasso.

As práticas de ensino e as formas de organização das interacções pedagógicas ajustam-se às expectativas acerca dos comportamentos esperados de docentes e estudantes. Quando as normas de comportamento esperado aceites pelo professor e alunos não coincidem e estas expectativas são goradas, as práticas que antes foram eficazes e inclusivas podem tornar-se perturbadoras e segregatórias.

Questões como as que se apresentam na caixa de texto são respondidas sem dificuldade por professores e estudantes. É de esperar que as respostas sejam idênticas para os que partilham o mesmo tipo de cultura académica. Mas, se compararmos as respostas de suecos, portugueses, turcos, búlgaros, canadianos ou japoneses, verificaremos que estas podem ser espantosamente divergentes. As regras disciplinares e académicas são, na sua essência, normas de convivência e, como tal, são arbitrarias e convencionais. Ou seja, não se trata aqui de comportamentos universais que possam ser classificados segundo uma hierarquia moral (embora possam ser codificados de acordo com a ética ou a deontologia em uso). Trata-se antes de convenções de ordem cultural que podem funcionar primorosamente num contexto académico e falhar redondamente num outro.

Das questões listadas na caixa de texto deduzem-se facilmente casos controversos que muitos professores já testemunharam e que ilustram alguns dos desafios da internacionalização (e do multiculturalismo que lhe é inerente). A resolução e prevenção de situações problemáticas, excessivamente conflituais ou geradores de insucesso não é um caminho de sentido único nem existem elixires de sucesso. Porém, há práticas de ensino mais eficazes, inclusivas e sensatas que outras quando se trata de acolher e trabalhar com estudantes internacionais e quando se pretende praticar o ensino a partir de, com e para a diversidade de perspectivas culturais dos estudantes (cf. Nainby, Warren & Bollinger, 2003).

Como responde a estas questões?

A resposta é em parte individual e em parte cultural.

- » O professor ou aluno podem chegar ligeiramente atrasados à aula?
- » O estudante pode interromper o professor para contestar o seu ponto de vista?
- » Qual é a fronteira para definir quando um trabalho é plagiado?
- » Os estudantes podem conversar na aula?
- » Comer e beber na sala de aula, enquanto a aula decorre, é legítimo ou é falta de respeito? O estudante pode ter este tipo de comportamento? E o professor?
- » O estudante – ou o professor – pode apresentar-se na aula de chinelos, calções, chapéu?
- » O estudante – ou o professor – pode mascar pastilha elástica durante a aula?
- » *O professor é uma autoridade a quem se permite criticar abertamente o estudante que falta às aulas ou o aluno é soberano e não deve ser criticado por decisões de que só ele é responsável?*
- » O estudante pode tratar o professor por 'tu' ou é-lhe exigido um tratamento com deferência/ formalidade/ distância respeitosa? E o professor, como deve tratar o estudante?

2 - CHOQUE CULTURAL E PROBLEMAS EMOCIONAIS

Pelo facto de estarem deslocados do seu meio familiar e terem de se adaptar a um novo país e normas culturais (e, maioritariamente, também a uma nova língua), os estudantes internacionais estão mais sujeitos, pelo menos durante os primeiros tempos no estrangeiro, ao stress e ao risco de desequilíbrio emocional. Este risco é ainda mais elevado no caso dos que são menos experientes em contextos interculturais e internacionais.

Um estudante habituado a viajar desde a infância com os pais, ou a fazer férias no estrangeiro com os amigos, ou que já viveu outro tipo de experiências Internacionais e interculturais no seu passado, pode ter desenvolvido as capacidades de autonomia, decisão e resiliência que são precisas para lidar com o confronto inicial com culturas, hábitos e situações pouco familiares. Não é linear que as aptidões sejam directamente transferidas entre situações (o facto de um europeu ter vivido algum tempo num país vizinho não o prepara automaticamente para uma adaptação imediata a registos culturais muito distintos, como os da maioria dos países africanos ou asiáticos não ocidentalizados). Porém, o estudante mais cosmopolita tem clara vantagem em matéria de choque cultural.

É conveniente que o corpo docente tenha estes processos em consideração e que saiba identificar os sintomas do choque cultural. Também é importante que saiba diferenciar esse estado de desorientação inicial, normal no processo de adaptação a novas culturas, de outros sinais que possam indiciar outro tipo de desequilíbrio emocional ou psíquico, para o qual seja necessário apoio especial ou mesmo tratamento médico. A caixa de texto abaixo oferece algumas pistas para um “diagnóstico diferencial” ao identificar um conjunto de sinais de alerta que podem revelar, sobretudo se forem persistentes ou intensos, algum tipo de problema de integração ou perturbação emocional mais

grave.

Problemas de integração e perturbações emocionais: alguns sinais

Mudanças no desempenho académico

- » Pouco preparado; desempenho fraco
- » Faltas e atrasos excessivos
- » Pedidos reiterados de atenção especial (especialmente quando se trata de uma mudança no padrão típico de comportamento desse estudante)
- » Evita a participação
- » Domina as discussões
- » Comportamento desadaptado
- » Ansiedade excessiva quando interpelado
- » Respostas emotivas exageradas que são desapropriadas para a situação

Comportamento ou aparência invulgar

- » Humor deprimido ou letárgico
- » Hiperactividade ou discurso muito rápido
- » Deterioração da higiene ou apresentação pessoal
- » Perda ou ganho de peso brusco
- » Comportamento estranho ou bizarro que indica perda de contacto
- » Sinais observáveis de injúria física

Referências a fontes de stress

- » Problemas com colegas de quarto, família ou namorado(a)
- » Morte de pessoa significativa
- » Vivência de abuso físico ou sexual
- » Experiência discriminação de género, raça, religião, etnicidade, orientação sexual ou capacidade
- » Experiência dificuldades legais
- » Qualquer outro problema ou situação que seja vivida como fonte de stress ou perda

Referência a suicídio, homicídio ou morte

- » Sentimentos de desamparo ou desesperança
- » Referências verbais ou escritas ao suicídio
- » Referências verbais ou escritas a homicídio ou agressão
- » Isolamento dos amigos, família e colegas

Fonte:
Ohio State University
Center for the Advancement of Teaching
<http://ucate.osu.edu/read/teaching/toc.htm>

No anexo 1, esquematizam-se a natureza e efeitos psico-emocionais do choque cultural e apresentam-se algumas dicas que podem ser indicadas aos estudantes para lidarem melhor com este estado de desorientação inicial. Mesmo que a maioria dos estudantes internacionais passem pelo choque cultural (veja-se os testemunhos apresentados no anexo 3), muitos desconhecem que se trata de um estado comum (não patológico) no processo de ajustamento pessoal aos contextos culturais pouco familiares. Podem

sentir-se inseguros e desorientados. Por vezes manifestam sintomas próprios dos estados de ansiedade (ou pânico) sem que isso seja patológico ou signifique que estão

descompensados ou doentes. Se o estudante compreender o que se está a passar consigo terá mais facilidade em ultrapassar estes sintomas e adaptar-se-á mais depressa ao novo meio. Também é importante que os seus professores conheçam este fenómeno, quer porque isso os ajudará a interpretar de forma mais adequada alguns comportamentos aparentemente irregulares (por exemplo, aparente desinteresse ou hipercriticismo...), quer porque poderão dar indicações aos estudantes e apoiá-los melhor na fase difícil da adaptação que corresponde habitualmente ao primeiro mês.

Em suma, é fundamental distinguir os sinais de um estado normal e passageiro – o choque cultural comum – dos sinais sintomáticos de perturbações emocionais ou psíquicas mais graves e de natureza diferente. Se identificar uma instabilidade psicológica ou emocional que não possa ser explicada pelo choque cultural, que pareça estar a prolongar-se por demasiado tempo ou a manifestar-se com excessiva intensidade, o professor poderá orientar o estudante para os serviços competentes que o apoiem e ajudem a diagnosticar o problema (e.g. serviços médicos, de psicologia ou de apoio social).

A observação de um ou outro destes sinais (ver caixa de texto) em situações pontuais não indica forçosamente problemas psicológicos ou situações alarmantes. Mas, em caso de dúvida e sempre que o professor considere que a situação pode ser preocupante, é indicado falar do assunto com outros profissionais (colegas, responsáveis em cargos de gestão, técnicos das relações internacionais ou directores de curso) e com os serviços de aconselhamento e apoio psicológico e médico quando existam. É especialmente importante que o professor relate as suas preocupações a respeito do comportamento do estudante a outros colegas ou serviços sempre que:

- » o problema está além da sua zona de conforto ou especialidade;
- » a situação o faz sentir-se incapaz de ajudar;
- » o estudante lhe pede uma ajuda que não se sente capaz de dar;
- » não consegue ou não quer envolver-se no problema por estar sobreocupado;
- ° *sente que algum aspecto do problema condiciona a sua objectividade.*

Dicas para o professor – promover a adaptação do estudante recém-chegado e reduzir o choque cultural

- » Escute!
- » Ofereça ajuda!
- » Desdramatize!
- » Relativize os sintomas do choque cultural e alterações no controlo emocional: na maioria dos casos os problemas são passageiros e de importância menor.
- » Oriente o estudante para aconselhamento especializado (caso se justifique).
- » Converse com colegas e especialistas sobre o assunto!
- » Fotocopie e entregue ao estudante o anexo 1 deste guia [*Estudar lá fora: Ajustamento e choque cultural*] e explique-lhe que se trata de um processo passageiro, comum e natural. Caso o estudante não domine a língua portuguesa, recomende-lhe que procure informação na internet ou na biblioteca da escola.
- » Adapte de forma consistente as medidas e estratégias de integração recomendadas no presente guia.

3 - QUESTÕES DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

Além do ajustamento cultural, o estudante internacional tem que desenvolver outras tarefas adaptativas para que o período de estudos no estrangeiro e noutra cultura e instituição de ensino seja bem sucedido. Entre elas, está o ajustamento às formas de comunicação verbal e não verbal, comuns no novo ambiente, que funcionam como conhecimento tácito para estudantes e docentes nacionais e que para ele podem ser autênticos quebra-cabeças. Ensinar estudantes internacionais requer por parte dos professores sensibilidade a estes problemas.

Os estudos [Kim, 2007; Ferris, 1998, referidos pelo University Center for the Advancement of Teaching da Ohio State University: <http://ucat.osu.edu>) indicam que entre as áreas que mais interferem com a aprendizagem e participação nas aulas por parte dos estudantes internacionais, constam, em especial, problemas nas seguintes:

- a)- Compreensão auditiva e dificuldades em tomar apontamentos;
- b)- Confiança para falar publicamente em inglês (/ou outra língua); e
- c)- *Interpretação das regras e expectativas do curso*

De seguida apresentámos algumas pistas sobre como ajudar o estudante a superar tais dificuldades).

NÍVEL DE PROFICIÊNCIA LINGUÍSTICA

A formação linguística é muitas vezes uma condição prévia necessária ao sucesso académico dos estudantes internacionais. Porém, estes nem sempre têm possibilidade de frequentar cursos de língua, pelo que a sua proficiência na língua de ensino pode ser insuficiente. É conveniente que o professor procure ter, logo no primeiro encontro, uma ideia clara acerca da proficiência linguística dos seus estudantes internacionais e que procure criar condições para reduzir a barreira linguística à aprendizagem.

Dicas para o professor – quando expõe os conteúdos durante a aula:

- » *Seja explícito!* Procure expressar as suas ideias de forma precisa e simples (as barreiras linguísticas na comunicação com os estudantes internacionais são mais facilmente superadas se usar a conhecida fórmula *simple is beautiful*).
- » *Repita!* Quando uma ideia é realmente central para a compreensão do assunto, use a redundância, parafraseie, diga o mesmo por outras palavras. Não assuma que se está dito, está compreendido. Nem sempre é esse o caso.
- » *Questione!* O estudante pode precisar desse sinal do professor para assumir que está confuso ou que necessita de explicações adicionais.
- » *Use exemplos!* Ilustre as ideias apresentadas com casos que as tornem mais fáceis de entender. Use os exemplos abundantemente. Isso facilita a actividade cognitiva e activa a assimilação de novas ideias e conceitos.

Dicas para o professor – as seguintes estratégias gerais podem funcionar bem:

- » Faça apresentações de PowerPoint bilingues (usando a língua de ensino e o inglês, como língua franca, ou a língua do(s) estudante(s) caso a/s) domine.

- » Sempre que possível disponibilize, com antecedência ou durante a aula, os slides que vai usar, de modo a que os estudantes acompanhem mais facilmente a exposição.

- » Elabore ou seleccione documentos de apoio (e estudo autónomo) numa língua dominada pelo estudante, para que ele possa seguir esses documentos durante a sua exposição e usá-los mais tarde no estudo de recapitulação.
- » Peça a um dos estudantes nacionais que se sente ao lado do colega estrangeiro e lhe traduza as ideias principais durante as exposições. De qualquer forma, evite exposições longas. Se tiver que usar o método expositivo, faça-o de forma dinâmica e interactiva.
- » Promova a aprendizagem entre pares e facilite as interações entre os estudantes nacionais e internacionais, formando grupos de conversação para que debatam, na língua nacional, assuntos específicos da matéria tratada.
- » Dê ao estudante referências bibliográficas alternativas, para que possa organizar o estudo e aprendizagem de forma fluida, sem que se interponha a barreira linguística.
- » Permita que as provas de avaliação sejam compatíveis com as competências linguísticas do estudante (e.g. exame oral em vez de escrito; exame e trabalhos escritos numa língua alternativa, dominada por professor e estudante; trabalhos de grupo em vez de trabalhos individuais; maior ponderação para apresentações em aula do que para os textos escritos de suporte a essas apresentações; etc.).

FRASES IDIOMÁTICAS, JARGÃO ACADÉMICO E CONHECIMENTO TÁCITO

No decorrer das aulas os docentes e os estudantes usam com frequência, sem que disso se apercebam, frases idiomáticas, adágios, acrónimos, metáforas e referências a acontecimentos, dados e histórias supostamente partilhadas por todos. O conhecimento tácito que é usado através da linguagem subentende, deixa por dizer e coloca nas entrelinhas elementos fundamentais para a compreensão daquilo que é dito. Estes significados ocultos podem ser de fácil descodificação para os estudantes nacionais mas totalmente indecifráveis, se não houver uma explicação directa, para os estudantes internacionais. Isso tanto se aplica a expressões e modos de falar como à invocação por meias palavras e de forma ambígua de factos e dados de conhecimento corrente na cultura local. Os professores devem esforçar-se por clarificar o sentido do que dizem, especialmente quando a aprendizagem está dependente da clareza na transmissão de informação.

Dicas para o professor:

- » Quando usar expressões idiomáticas explicito o significado implícito. Não assumo que é óbvio para todos.
- » Evite as siglas. Se as usar, certifique-se de que o seu significado é claro para todos os estudantes.
- » Registe os conceitos e expressões técnicas que parecem ser ambíguos. Organize listas com os seus significados/ definições e distribua-as aos alunos.
- » Analise os regulamentos e glossários do ensino superior. Muitas das expressões usadas no nosso sistema de ensino têm equivalente em inglês se outras línguas. Pode ser útil conhecer alguns sites que disponibilizam essa informação. Por exemplo:
- » <http://eacea.ec.europa.eu> – Eurydice: informação sobre os sistemas e políticas educativas europeias.
- » <http://eacea.ec.europa.eu/portal/page/portal/Eurydice/TESEHome> - TESE - Multilingual Thesaurus on education systems in Europe:
- » <http://www.cedefop.europa.eu> – European Centre for the Development of Vocational Training;
- » <http://ec.europa.eu/education> - European Union (Education and Higher education; Bologna Process; Erasmus programme; etc)

- » Elabore glossários. O jargão académico existe também ao nível institucional e local. Expressões e frases como “quarto de hora académico”, “praxe” ou “avaliação contínua” podem parecer muito transparentes aos membros da comunidade académica local e

não serem de todo claras para os estudantes internacionais. É uma boa ideia ter um glossário com as definições dos termos comumente usados no curso/ disciplina).

- » Não parta do princípio de que algo “é tão básico que já todos o sabem”. O conhecimento básico e partilhado pelos membros de um grupo pode ser um mistério para os membros de outro grupo. Por exemplo, será mesmo verdade que quando nos referimos ao “25 de Abril”, todos os interlocutores sabem do que estamos a falar? A correcta interpretação depende de um conhecimento histórico que é comum aos estudantes portugueses, mas muito pouco familiar aos romenos ou gregos. Experimente perguntar. Já agora, fique a saber que neste dia se comemora: em Portugal, a revolução democrática (Dia da Liberdade), em Itália o fim da ocupação nazi na Itália (Festa della Liberazione), no Egipto celebra-se o fim da ocupação israelita do Sinai e a sua recuperação em 1982 (Dia da Libertação do Sinai), na Austrália e na Nova Zelândia as vitórias com seguidas na 1ª guerra mundial (Anzac Day) e nos Estados Unidos da América o bizarro dia nacional do pão de abóbora (National Zucchini Bread Day).

FALAR NA AULA

É normal que os estudantes internacionais sejam mais reservados a respeito de falar nas aulas, o que pode relacionar-se com vários factores: dificuldades linguísticas, timidez, crença de que falar na aula não é um comportamento legítimo e dúvidas ou ideias ambíguas a esse respeito. Em qualquer dos casos, se o professor espera que os alunos façam perguntas e expressem opiniões, deve ser explícito a esse respeito e criar, logo de início, condições para que o estudante internacional compreenda qual o comportamento esperado.

Dicas para o professor:

- » Escreva e distribua um documento onde se identifiquem as expectativas sobre o comportamento dos estudantes durante as aulas.
- » Caso organize debates, discussões em grupo, diálogos ou actividades dos estudantes que requeiram apresentação verbal, diga porque o faz e qual o impacto dessas actividades na avaliação e na aprendizagem;
- » Coloque questões ao grupo e, geral e directamente aos estudantes que quer ouvir.
- » Quando questionar um estudante, dê-lhe tempo para que ele reflecta sobre a questão e prepare a resposta, antes de dar a palavra a outro ou avançar com a resposta.
- » Reforce com comentários positivos a participação activa na aula e manifeste a sua aprovação em relação a esse comportamento.
- » Não critique directamente a forma como o estudante se expressa. Tenha em mente que ele não está a falar na sua língua materna. Corrigindo-o, repetindo o que ele disse de outra forma ou por outras palavras. O estudante vai aprender e ao mesmo tempo o professor certifica-se de que entendeu o que ele quis dizer.

LEITURA ACTIVA E COMPREENSÃO DE TEXTO

A leitura não é um acto mecânico. Compreender, avaliar, analisar um texto pode ser uma tarefa difícil e um desafio para qualquer estudante. O grau de dificuldade cresce quando o leitor está a ler um texto escrito em língua diferente da língua materna. Neste caso, é fundamental auxiliar os estudantes, para que os resultados de aprendizagem sejam profundos e duradouros. Alguns deles estão habituados a fazer leituras para memorização e para debitar posteriormente em exames standardizados. Isto pode ser uma questão individual ou uma questão cultural. O estudante internacional pode estar

habitado a um sistema de ensino onde a memorização é muito valorizada, não tendo por isso desenvolvido estratégias de estudo e leitura activa.

Dicas para o professor:

- Indique ao estudante quais as estratégias de leitura que melhor se adaptam à leitura sugerida (fazer resumos, identificar ideias polémicas, descobrir a mensagem implícita, transformar o texto num mapa conceptual, etc.)
- Apoie o desenvolvimento de competências e métodos de estudo adequados – sugira aos estudantes que consultem os seguintes documentos de apoio online:
 - » https://www1.esec.pt/pagina/lusofonia/wp-content/uploads/2009/06/metodos_de_estudo1.pdf - 'Orientações para ser um estudante bem sucedido' (disponível no 'Lusofonia', blog de apoio aos estudantes estrangeiros lusófonos na ESEC)
 - » <http://www.studygs.net/studyskills.htm> - (parcialmente em português)
 - » <http://www.csbsju.edu/academicadvising/helplist.html> - (versão em inglês)
 - » <http://counseling.uchicago.edu/vpc/virtulets.html> - (versão em inglês)
 - » <http://www.dartmouth.edu/~acskills/success/index.html> - (versão em inglês)
 - » http://www.psc.uc.edu/sh/SH_Time_Management.htm - (versão em inglês)

Compreensão, escrita e avaliação

- 1- Descodifique e discuta com os estudantes as tarefas para avaliação, condições de execução e entrega, ponderações, etc.
- 2- Ajude o estudante a compreender o que se espera dele quando se lhe pede que “avalie”, “comente”, “justifique” ou “analise”.
- 3- Deixe claro quais são as suas expectativas e aquilo que assume a respeito da qualidade do trabalho. Explique cada um dos critérios de avaliação.
- 4- Seja claro acerca do formato do trabalho. Mostre exemplos de trabalhos anteriores. Dizer ao aluno “faça um relatório” é demasiado vago se não lhe forem dadas explicações sobre as características deste relatório concreto.
- 5- Deixe claro qual a dimensão esperada (em páginas, palavras ou outro critério adequado para avaliar a extensão do trabalho). Não deixe de mencionar que mais não é igual a melhor.
- 6- Se a forma de escrita (vocabulário e correcção gramatical) for um critério de avaliação relevante, esclareça sobre o peso relativo face aos conteúdos e à estrutura do trabalho. Vários estudos mostram que os estudantes internacionais frequentemente subvalorizam o impacto da proficiência linguística nos seus trabalhos e resultados obtidos.

Fonte:
 Oxford Brookes University
 Oxford Centre for Staff and Learning Development:
<http://www.brookes.ac.uk/services/ocsd>

4 - OS MÉTODOS DE ENSINO

Os métodos pedagógicos são meros instrumentos ao serviço do ensino e aprendizagem. O seu valor não é absoluto, depende dos resultados atingidos e da adequação aos objectivos que se pretende alcançar. O facto de um grupo de estudantes se mostrar mais satisfeito com as aulas expositivas de um professor do que com as que estão centradas na cooperação entre pares (ou vice versa) não significa a supremacia de um sobre o outro método. O importante é ter presente o objectivo. O método expositivo é um fraco instrumento para estimular as capacidades de cooperação em equipa, mas é a modalidade mais rápida e económica para apresentar o estado de arte em determinado campo de investigação. Métodos laboratoriais adequam-se à exploração de dados e ao desenvolvimento das capacidades de questionamento, mas têm pouco interesse para fomentar o sentido de argumentação. A discussão na sala de aula é interessante como forma de promover o sentido crítico e a expressão individual, mas acrescenta muito pouco quando se quer treinar uma aptidão motora como manobrar uma máquina, fazer um desenho ou efectuar uma qualquer operação com algum grau de complexidade técnica.

Apesar da especificidade referida, é relevante organizar o ensino tendo em conta os diferentes estilos de aprendizagem dos estudantes. Quando o grupo inclui estudantes internacionais, a regra da diversificação de estratégias torna-se ainda mais necessária. Quando chegam ao ensino superior, os estudantes passaram já por inúmeras experiências escolares. Estas experiências foram moldando as suas expectativas em relação ao papel do professor e as suas preferências relativamente aos métodos que estes usam. O hábito não impõe um conformismo tirano nem impede o êxito quando o ensino se faz por meios inesperados ou inovadores. Porém, quando o estudante internacional se confronta com um tipo de ensino totalmente diferente daquilo a que se habituou, ele pode sentir-se desorientado. Formas de ensino moderadamente inovadoras podem ser um desafio estimulante, mas a total novidade pode ter um efeito disruptivo e perturbador.

O método expositivo é o mais tradicional no meio universitário, mas hoje são conhecidos inúmeros métodos alternativos, muitos dos quais considerados mais progressistas e mais compatíveis com a formação de profissionais empreendedores, criativos e autónomos. No mundo ocidental, muitos professores quase eliminaram o uso do método expositivo por o considerarem retrógrado, inflexível, rígido ou mesmo incompatível com o espírito do ensino superior democrático. Na Europa, há quem o considere incompatível com o espírito da reforma de Bolonha, já que esta toma o estudante como centro do ensino e aprendizagem).

Independentemente da nossa posição a respeito da exposição é importante ter em conta que a transmissão verbal de conhecimentos de professor para aluno acontece em na maioria das aulas, sempre que o tema e objectivos favoreçam esta via de comunicação. Essa é a base do método expositivo e nada impede que este se faça de forma dinâmica e activa. É relevante ter em conta que os estudantes oriundos de universidades onde seja comum o ensino magistral e onde não sejam estimuladas as discussões em aula, podem preferir o ensino magistral e necessitar de preparação para compreender o que se espera deles numa aula de debate, para aceitarem as novas regras e para assimilarem os objectivos subjacentes a tais métodos. Não é linear que todos os estudantes prefiram ou aprendam melhor com o mesmo tipo de métodos.

A diversificação de métodos e a inclusão de estratégias de ensino variadas numa mesma aula funciona por razões de várias ordens:

- culturais – em culturas mais colectivistas os métodos centrados na récita e na exposição de conhecimento pela figura de autoridade são os mais valorizados, mesmo nos meios académicos menos conservadores,
- instrumentais - a eficácia do método depende da meta a atingir – e
- individuais - nos estilos de aprendizagem centrados na audição, o estudante tende a processar melhor a informação obtida pela via auditiva; para este tipo de estudante a aula expositiva funciona bem.

Os estilos de ensino do professor devem conjugar-se o mais possível com os estilos de aprendizagem diversificados em presença na aula. Quanto mais diversificados os métodos mais provável será que algum deles funcione com um determinado estudante.

Estratégias para decidir a melhor abordagem na aula com estudantes internacionais

- 1- Fale com colegas que no passado tiveram experiências semelhantes à sua.
- 2- Na primeira sessão obtenha informação relevante, por escrito ou oralmente, acerca dos seus estudantes:
 - a) *Dados académicos e demográficos (curso de proveniência, cidade e país de origem, idade, etc.)*
 - b) *preparação prévia (disciplinas relacionadas, experiência em estágios ou trabalho na área, etc.),*
 - c) *expectativas sobre a unidade curricular (objectivos pessoais e de carreira),*
 - d) *modos como aprendem melhor (estilos de aprendizagem, actividades preferidas, etc.).*
 - e) ...
- 3- Administre um teste de diagnóstico inicial para determinar o nível de entrada do estudante.
- 4- Observe as expressões faciais do estudante e outros sinais não verbais que revelem a compreensão, atenção, zagem para avaliar as diferenças entre os estudantes e ajustar a essas diferenças o seu estilo de ensino. Em alternativa, peça-lhes que escrevam sobre as suas preferências nesta matéria. Os dois instrumentos mais comuns são o Learning Style Inventory (Kolb, 1994) e o Psychological Type Index (Grasha, 1997). Podem ser consultados em: Faculty and TA Development.
- 8- Permita que os estudantes comentem o ensino e actividades desenvolvidas e apresentem sugestões de melhoria. Por exemplo, usando a técnica da “Minuta” (minute paper): trata-se de um exercício no qual se pede aos estudantes que, tendo em conta o que foi ensinado nos últimos cinco minutos da aula, escrevam sobre um conceito que tenha sido abordado e indiquem questões que gostariam de ver respondidas na aula seguinte).
- 9- Solicite avaliações da unidade curricular/ ensino aos estudantes a meio do semestre e no final, de forma a poder ajustar as metodologias e abordagens adoptadas.
- 10- Utilize recursos variados, adequados à audiência e aos conteúdos.

Fonte:
Ohio State University,

*Center for the Advancement of Teaching
<http://ucan.osu.edu/read/teaching/toc.html>*

5 - TUTORIA E ORIENTAÇÃO ACADÉMICA: ANTES / DURANTE / APÓS A MÓBILIDADE

Os estudantes internacionais requerem muito frequentemente adaptações aos procedimentos habituais de acolhimento e integração em uso nas instituições. No quadro seguinte identificam-se algumas estratégias que podem facilitar o trabalho de integração destes estudantes.

Acolher e integrar o estudante internacional: generalidades

- 1- Organizar uma semana de orientação no início do semestre (a iniciativa pode ser desenvolvida em articulação entre o Gabinete de Relações Internacionais, os directores de curso e os professores-tutores/ orientadores). As actividades podem organizar-se em várias modalidades, tal como sessões de informação colectivas, sessões individuais e momentos culturais (cf. Gonçalves, 2009), e cumprir vários objectivos, como:
 - » apresentar a instituição, serviços, pessoal técnico e docente, colegas...
 - » apresentar os estudantes-tutores e os professores-tutores e definir os momentos de encontro entre estes e os estudantes internacionais;
 - » esclarecer procedimentos e normas regulamentares dos programas de mobilidade internacional em questão;
 - » iniciar a formação linguística, quando necessário;
 - » fazer passeios de reconhecimento pela cidade e visitas culturais/ turísticas;
 - » promover o convívio e conhecimento mútuo;
 - » proceder às acções inerentes ao processo académico do estudante, em especial no que respeita aos assuntos administrativos e à validação/correção do plano de estudos;
 - » esclarecer dúvidas, desfazer crenças erróneas, ambientar o estudante com os procedimentos e regulamentos em vigor na instituição e nos cursos;
 - » promover o bem-estar e os vínculos de confiança.
- 2- Atribuir um professor-tutor a cada estudante internacional, de forma a que este saiba a quem se deve dirigir para esclarecimentos e orientação académica
- 3- Atribuir um estudante-tutor (buddy system) a cada estudante internacional, tendo em vista facilitar a integração sócio-cultural e adaptação à cultura estudantil local;
- 4- Facultar ao estudante um guia informativo com as respostas às questões comuns no início da estadia num país e instituição estrangeira; incluir uma listagem de contactos para diferentes tipos de questões (director de curso, professor-tutor, estudante-tutor, associação de estudantes, serviços médicos e sociais, serviços académicos, etc...).

Acolher e integrar o estudante internacional: antes da chegada

- 1- Procurar estabelecer contacto por *email* previamente à chegada, de forma a que o estudante esteja seguro de que alguém conhece o seu processo e o irá acompanhar de perto durante a estadia e para que possa apresentar dúvidas e questões que interferem com a preparação da mobilidade;
- 2- Definir um conjunto de tópicos importantes a abordar com o estudante e preparar um guião orientador sobre os mesmos (tipo *quick guide*). Um documento desta natureza não só ajuda o estudante como poupa imenso trabalho ao docente, já que são recorrentes muitas das questões colocadas por estudantes, a propósito dos conteúdos curriculares, avaliação e procedimentos académicos).
- 3- Antecipe a possibilidade de ter estudantes internacionais matriculados na sua disciplina: quando prepara os programas, trabalhos, materiais, bibliografia, formas de avaliação e metodologias, identifique e defina aquilo que se aplica a todos os estudantes e as adaptações necessárias para assegurar o sucesso dos estudantes internacionais.
- 4- Procure internacionalizar o currículo: quando estiver a planificar as aulas e trabalhos de aprendizagem estude a possibilidade de incluir temas e opções de natureza internacional.

Acolher e integrar o estudante internacional: durante a estadia

- 1- Contribua para o ajustamento cultural do estudante, ajudando-o a compreender os usos e costumes nacionais/ locais e institucionais. Quando vier a propósito, dê exemplos sobre temas como: diferença entre gíria e linguagem elaborada, regras face a responsabilidades e compromissos, tal como a pontualidade, significado e origem das expressões idiomáticas, gastronomia e etiqueta à mesa, relacionamento professor-aluno, etc.
- 2- Familiarize-se com a cultura do estudante e com as características gerais do seu país, etnia e religião, a fim de evitar mal-entendidos e reduzir a possibilidade de dizer coisas ou cometer actos que possam ser ofensivos ou mal interpretados.
- 3- Apresente o estudante aos colegas e procure facilitar a convivência entre eles.
- 4- Nos trabalhos de grupo favoreça a criação de grupos multiculturais e evite que os estudantes Internacionais trabalhem sempre com os mesmos colegas, especialmente os das mesmas nacionalidades.
- 5- Permita que os estudantes escolham os temas específicos dos trabalhos de pesquisa e, especialmente no caso dos estudantes internacionais cuja estadia seja de longa duração (por exemplo, estudantes africanos) permita que desenvolvam trabalhos relevantes para a sua formação e com aplicabilidade no país de origem (com esta estratégia estará a combater o *brain drain*).
- 6- Sempre que possível e oportuno, apresente o estudante às pessoas relevantes (colegas de curso, estudantes com funções académicas especiais, docentes, responsáveis por serviços...).

A tutoria académica por parte de um docente é uma das formas mais eficazes de assegurar que o estudante internacional obtém atempadamente informação clara e relevante para iniciar e progredir de forma positiva no seu percurso académico num país estrangeiro. As recomendações de Lindsey, Martinez and Lindsey (2007 para o *coaching* (aconselhamento) podem ser adaptadas à actividade de tutoria de estudantes internacionais (ver caixa de texto).

Plano de acção em cinco passos para promover a proficiência cultural

- 1- Antecipe e ganhe consciência sobre o seu próprio estado emocional e o da pessoa que está a orientar/ aconselhar.
- 2- Preste atenção aos comportamentos verbais e não verbais que indiciam aspectos culturais e que possam carecer de aconselhamento/ orientação.
- 3- Reaja de forma sensata, usando técnicas de coaching, como: fazer pausas para reflexão, parafrasear o que está a ser dito para se certificar da boa compreensão da mensagem, convidar a um pensamento inquiridor, para desenvolver a mestria a lidar com situações específicas (culturais, académicas, relacionais, etc.).
- 4- Promova a equidade, orientando a conversa para a zona de oportunidade: coloque questões que promovam a flexibilidade de pensamento e novas perspectivas sobre o assunto e modele/ sugira comportamentos culturalmente competentes.
- 5- Clarifique as suas intenções e escolha as acções apropriadas a essas intenções: dizendo até quando irá continuar a agir como um conselheiro, indicando recursos que o estudante possa explorar autonomamente, etc.

Fonte: Lindsey, Martinez, & Lindsey (2007)

É importante que o tutor organize a sua actuação com base em princípios de actuação coerentes e simples (veja, por exemplo, as recomendações no quadro abaixo) e que se paute também pelos regulamentos e normativos existentes. No anexo 5 apresenta-se, a título de ilustração, o documento em vigor na Escola Superior de Educação de Coimbra, onde se define o estatuto, funções e responsabilidades do professor-tutor e se incluem algumas orientações sobre como lidar com problemas específicos deste tipo de orientação individual.

Princípios gerais no ensino de estudantes internacionais

- 1- Seja explícito acerca daquilo que espera dos estudantes.
- 2- Dê exemplos que sirvam de modelo para os conteúdos que está a expor.
- 3- Quando fala, dê prioridade ao significado e só depois à gramática e ao estilo.
- 4- Procure não activar no estudante o medo de errar.
- 5- Reforce as capacidades do estudante à medida que lhe explica o que há a melhorar.
- 6- Tenha em contas que os estudantes podem estar em diferentes níveis de aculturação nas diversas situações geradas na aula.
- 7- Mostre claramente que os estudantes são bem-vindos ao seu gabinete.
- 8- Diga-lhes qual é o seu horário de atendimento.

Fonte:
University of Virginia

Teaching Resource Center (TRC): <http://trc.virginia.edu>

6- PROMOVER A COMUNICAÇÃO ENTRE ESTUDANTES NACIONAIS E INTERNACIONAIS

Proponha actividades que encorajem a convivência entre estudantes nacionais e Internacionais e o desenvolvimento de relações de amizade. A aprendizagem linguística é favorável a estas iniciativas, mas elas podem ser adaptadas a várias disciplinas e aulas. As sugestões de McNamara & Skorka (2007), apresentadas no quadro abaixo, são usadas para o ensino do Inglês Língua Não Materna a estudantes Internacionais do Kelvin Grove State College (Brisbane, Austrália), mas podem ser facilmente adaptadas / generalizadas a vários contextos de aprendizagem, desde workshops informais até actividades de aula e conversas não estruturadas.

ProMover a coMunicação entre estudantes nacionais e internacionais

- » Incentive os estudantes a aderirem a equipas desportivas, clubes e grupos culturais da escola
- » Inclua no calendário de actividades académicas eventos que promovam a convivência e amizade entre os estudantes e que reduzam a distância social;
- » Proponha entrevistas face a face (ou role play, simulações ou outro tipo de técnicas de dinâmica de grupo) que levem os estudantes a interagir e a conhecerem-se melhor;
- » Se possível, procure ter um rácio adequado de estudantes nacionais e Internacionais na sua aula, e aproveite a diversidade cultural na aula, usando-a como uma oportunidade educativa;
- » Use técnicas de aprendizagem que se socorram da actividade a pares entre os estudantes (para análise de textos, debates, entrevistas mútuas, etc.), fornecendo-lhes guiões, questões de base, ou outros recursos facilitadores da comunicação e aprendizagem;
- » Ensine termos específicos necessários a uma comunicação bem sucedida e demonstre o uso desses termos e expressões; em simultâneo, enfatize a importância da linguagem corporal e gestual, como recurso complementar na comunicação;
- » Estimule a fluência verbal, propondo aos estudantes debates e conversas a pares sobre temas que lhes sejam pouco familiares;
- » Explique que alguns comportamentos no trabalho de grupo, como as regras de conversação, estilos de liderança, relacionamento social ou conformismo têm um fundo cultural que muitas vezes se sobrepõe aos estilos individuais. Conhecer essas tendências culturais preveni erros de interpretação e favorece a integração no grupo.

Recolhido, traduzido e adaptado de: McNamara & Skorka (2007)

7 - INTERNACIONALIZAR O CURRÍCULO E OS CONTEÚDOS ACADÉMICOS

Uma das formas interessantes de internacionalização do currículo consiste em promover situações estudo e aprendizagem no estrangeiro e em grupos internacionais. A oferta de programas de natureza internacional para estudantes nacionais e internacionais, que podem não ser obrigatórios mas devem ser divulgados e valorizados é um bom passo. São exemplos desses programas: períodos de estudo (e.g. Erasmus) e visitas de estudo no estrangeiro; programas de estágio e colocações profissionais no estrangeiro; participação em projectos e competições internacionais; acções residenciais de indução profissional; medidas formais para ajudar os estudantes na fase de adaptação/transição (e.g., tutorias, *buddy system*); cursos e apoio extra para aprendizagem da língua nacional/ de ensino.

Alguns dos programas referidos são ofertas institucionais que ultrapassam a decisão dos professores individualmente. Outras são medidas que podem ser da iniciativa exclusiva do professor e destinar-se apenas a alguns grupos de estudantes. O ideal é que as instituições criem condições para que o maior número destas ofertas estejam disponíveis e sirvam o maior número possível de estudantes. No âmbito deste texto interessa referir as medidas que podem ser desenvolvidas pelos docentes individualmente.

Falaremos agora sobre o significado da internacionalização do currículo a partir do ponto de vista dos professores. Não se trata de ver a internacionalização em função do número de estudantes internacionais inscritos na escola/curso ou presentes na sala de aula, mas de dar uma orientação internacional aos conteúdos e metodologias escolhidos. Internacionalizar o currículo não depende de haver ou não estudantes internacionais na aula, curso ou escola mas de haver ou não uma orientação curricular internacionalista. Quando aumenta o número de estudantes internacionais é obvio que a diversidade cultural aumenta também, mas só por si, isso não faz com que o currículo se torne menos monocultural. A questão é mais uma questão de valores e atitudes e de filosofia educativa do que de estatísticas.

O sucesso académico dos estudantes internacionais pode ficar comprometido por causa da iliteracia em relação à cultura dominante, a que se acrescentam as dificuldades de compreensão linguísticas. Isso pode acontecer mesmo com aqueles que usam a mesma língua, como é o caso dos estudantes africanos que falam a língua portuguesa com códigos diferentes dos que são usados pelos estudantes e docentes nacionais). O modelo do deficit é um dos modelos mais usados para superar estas variações, significando que o professor procura usar medidas especiais adicionais para ajudar o estudante a superar o deficit (Biggs, 1997). Outro modelo consiste em assumir a diversidade e trabalhar a partir dela, não como deficit mas como riqueza a valorizar. Este modelo implica medidas de internacionalização do currículo que se aplicam a todos os estudantes, independentemente da nacionalidade, partindo do pressuposto de que todos são, de alguma forma, diferentes e que todos eles beneficiam com esta mudança de filosofia curricular (Biggs, 1997). Isto implica alterações nos objectivos, conteúdos e formas de avaliação e, sobretudo, a promoção da competência intercultural generalizada (tanto dos estudantes e docentes nacionais como dos internacionais).

Medidas curriculares e exemplos propostos pela Universidade de Leeds

- 1- Inclusão no ensino de textos, materiais, exemplos e estudos de caso culturalmente diversificados;
- 2- Expansão do currículo para incluir exemplos internacionais para lá da orientação nacional/ocidental/eurocêntrica;
- 3- Garantia de que se pratica um tipo de ensino culturalmente inclusivo;
- 4- Promoção de actividades que encorajem os estudantes a partilharem as suas crenças e pressupostos culturais;
- 5- Oferta de disciplinas optativas de perspectiva/ orientação internacional;
- 6- Oferta de módulos que promovam a competência intercultural (e.g., comunicação transcultural, negociação em contexto multicultural...);
- 7- Consciencialização ampla sobre a necessidade de “pensar globalmente e agir localmente” no desenvolvimento do currículo;
- 8- Apoio aos estudantes quando são envolvidos em esquema de avaliação que não lhes são familiares;
- 9- Uso da experiência dos estudantes internacionais como recurso de aprendizagem para eles próprios e para todos os colegas.

Fonte:
University of Leeds,
Staff and Departmental Development Unit
<http://www.leeds.ac.uk/sddu>

8 - PLÁGIO

Os estudantes internacionais podem incorrer em problemas comuns a todos os estudantes, em qualquer parte do mundo: o plágio, a desmotivação e o comportamento desrespeitoso são alguns dos problemas mais graves e mais condenados no ensino superior. As abordagens preventivas e remediativas e as sanções para estes problemas devem ser claramente definidas e objecto de regulamentos acessíveis a todos os estudantes. Porém, é importante ter em consideração que situações graves na nossa cultura académica, como é o caso do plágio, podem estar relacionadas com um fundo cultural significativo. Para um estudante de uma cultura onde a memorização e a repetição escrita da sabedoria colectiva sejam muito valorizadas, é “normal” que o reconhecimento das fontes não seja uma questão tão relevante como numa cultura mais individualista, onde o reconhecimento da autoria e da propriedade intelectual são mais valorizados; também é importante perceber o lugar da proficiência linguística: o plágio pode ser uma estratégia do estudante para garantir a correcção da forma como se expressa numa língua estrangeira que não domina bem (cf. Arkoudis, s.d.).

Prevenção do plágio: foMentar a capacidade de recolha de inforMação, síntese e análise de texto e expressão pessoal

- » Inclua na listagem de leituras próprias do seu curso/ disciplina um documento orientador com os estilos de formatação e as normas bibliográficas em uso (não se esqueça de providenciar exemplos de aplicação, pelo menos para as situações mais comuns – como referir autores no corpo do texto e como fazer citações, como referenciar livros, artigos e documentos da internet...).
- » Sugira aos estudantes que registem sempre as fontes consultadas nas suas fichas e apontamentos de leitura. Sugira-lhes que vão organizando, desde início da pesquisa, uma listagem de referências bibliográficas, à medida que progredem nas leituras; explique-lhes que é fácil perder essa informação, especialmente quando se lida com textos de várias proveniências (por exemplo, livros requisitados de empréstimo nas bibliotecas, textos recolhidos na internet, artigos de revistas, etc.) de que podemos ter que nos separar antes de concluída a pesquisa.
- » Informe sobre as referências que devem e que não devem ser incluídas em referências bibliográficas no ensaio final. Muitos estudantes incluem obras referidas em segundas fontes que não consultaram directamente, outras que consideram importantes mas que não leram, ou ainda aquelas que leram mas das quais não extraíram ideias para o seu próprio trabalho. Esclareça que há uma diferença formal e técnica entre as referências bibliográficas (obras consultadas e referidas no texto pessoal) e uma listagem adicional de bibliografia relacionada ao tema.
- » Ajude os estudantes a desenvolver a capacidade de analisar, sintetizar e criticar os textos que lêem. Trata-se de capacidades cognitivas superiores que requerem treino e exercício: promova essas aptidões, valorize-as e proponha tarefas que as invoquem e estimulem; contrarie e previna o vulgar corta e cola (copy and past). Permita aos estudantes o uso de textos acessíveis online (faculte os textos ou deixe que os estudantes façam pesquisas e recolham autonomamente os textos relevantes) e depois peça-lhes que os comparem, combinem, sumariem, avaliem criticamente a partir de determinados pressupostos/ dados/teorias...
- » Fortaleça as capacidades de expressão escrita através de tarefas que apelem ao uso frequente da escrita como forma de expressão (na aula, use estratégias simples como: ensaio-num-minuto, escrever listas de prós-e-contras; escrever um parágrafo de síntese sobre o que foi dito...); peça, como trabalho fora de aulas, textos para avaliação intercalar – ensaios de uma página, textos criativos, textos argumentativos, selecção de textos pessoais para incluir em portfólios, etc.).
- » Nos trabalhos escritos, valorize as reflexões críticas sobre os conteúdos e posições de outros autores e estimule o sentido crítico e a auto-confiança do estudante para apresentar e fundamentar perspectivas pessoais.
- » Finalmente, ajude o estudante a compreender que os textos escritos e publicados não são infalíveis e acima da crítica, nem baluartes da verdade científica universal. Ajude os estudantes a diferenciar os textos em função de critérios de qualidade e rigor e permita-lhes explorar, pela via da expressão pessoal, os limites da sua própria percepção e conhecimento.

Há razões para o plágio que são comuns a estudantes nacionais e Internacionais. Uma das mais frequentes relaciona-se com insuficientes competências de recolha, organização e tratamento de informação. Estas competências só muito raramente são explicitamente ensinadas. Na maior parte dos casos, os estudantes desenvolverem ao longo da sua vida académica métodos pessoais de recolha, catalogação e tratamento

de informação. Esse métodos nem sempre são eficazes.

Por vezes, os estudantes baseiam-se em apontamentos de aulas (seus e de colegas),

em dados obtidos a partir de textos soltos (por vezes pouco rigorosos) obtidos por meio de pesquisas electrónicas e nos textos recomendados pelo professor para formarem as suas ideias acerca dos conteúdos. Neste processo, os seus conhecimentos prévios, opiniões mais ou menos fundamentadas e as diversas fontes consultadas combinam-se de forma tal que o estudante pode acabar por perder de vista as fontes de cada um dos componentes do conhecimento adquirido e, eventualmente, passar a assumir como suas as ideias que afinal recolheu de outros autores. Estão aqui em jogo tanto as formas naturais de processamento cognitivo de informação que contribuem para a aprendizagem, como eventuais problemas de método no processamento, catalogação e triagem de informação, ou ainda aptidões insuficientemente desenvolvidas ao nível da síntese e análise de informação cognitiva. Estas aptidões podem ser desenvolvidas, melhoradas e ensinadas.

Prevenção do plágio: estratégias úteis

- » Informe sobre as razões pelas quais, na sua disciplina, é importante identificar as fontes;
- » Discuta com os estudantes os problemas e dilemas éticos, académicos e técnicos associados ao plágio;
- » Sirva de modelo, usando nas suas aulas expositivas (e.g. nas apresentações em PowerPoint, nos textos de apoio às aulas, etc.) as normas bibliográficas recomendadas;
- » Em discussões sobre leituras, chame a atenção para os parágrafos em que os autores resumiam o estado de arte, socorrendo-se e apresentando as fontes consultadas;
- » Use exemplos de trabalhos anteriores de estudantes para demonstrar como as ideias podem ser apresentadas e as fontes referidas;
- » Proponha tarefas nas quais o estudante precise de avaliar e analisar ideias de textos de outros autores e a forma como foram escritos.

Fonte (adaptado):
Sophie Arkoudis (s.d.) Teaching International students: Strategies to enhance learning.

Para prevenir o plágio, é importante compreender as razões pelas quais os estudantes desconhecem ou não usam as convenções académicas sobre o uso de fontes. É igualmente importante ensinar-lhes explicitamente quais são as normas em uso na instituição, nos cursos e disciplinas. Frequentemente salta-se este passo por causa da crença, muitas vezes incorrecta, de que os estudantes já conhecem e sabem usar essas convenções. Se todos os professores pensarem assim, nenhum ensina de facto, não è? As sugestões abaixo podem ajudar a prevenir muitas situações críticas e incómodas tanto para o docente como para o estudante. A maioria destas sugestões aplicam-se tanto aos estudantes nacionais como aos internacionais, já que uma boa parte das razões que favorecem o plágio são comuns a ambos os grupos.

Prevenção do plágio: Mais estratégias úteis

- » Certifique-se de que todos os estudantes conhecem as regras: informe os estudantes sobre os códigos de conduta, normas académicas e avaliação existentes na instituição. Faça-os notar os parágrafos referentes ao plágio e respectivas sanções;
- » Organize uma sessão específica (pode ser ao nível institucional) sobre o plágio, problemas associados e respectivas sanções e formas de prevenção; planeie um momento para questões e respostas de forma que os aspectos menos claros deste tema sejam clarificados (ex: uso de normas bibliográficas, uso da internet, procedimentos em trabalhos de grupo, ...);
- » Dê instruções claras e exemplos em linguagem isenta de ambiguidades;
- » Preste especial atenção aos estudantes internacionais e às suas expectativas acerca do assunto; esclareça-os sobre o que é esperado deles (por exemplo, sobre argumentação, apresentação de opiniões pessoais; pensamento independente,...);
- » Previna o plágio e a fraude: assegure-se de que todos os estudantes são sujeitos, em pelo menos um trabalho, a avaliação individual, onde o grupo não interfira no resultado obtido; modifique as provas todos os anos, para que não possam ser “copiados” os trabalhos de estudantes anteriores; baseie algumas avaliações em documentos únicos (e.g. artigos/ensaios recentes de revistas ou outras publicações) para prevenir a possibilidade de adaptação de trabalhos genéricos já existente acerca do tema; exija a inclusão de fontes recentes nos ensaios e trabalhos escritos (por exemplo, trabalhos publicados no último ano); inclua nas provas de avaliação actividades práticas (pesquisa, observação, experimentação...) e o respectivo relatório; varie os métodos de avaliação (portfólio, exame escrito, oral, texto reflexivo...)
- » dedique algum tempo de aula ao desenvolvimento de aptidões académicas, à gestão de tempo, à gestão de informação e à investigação, pois quanto mais desenvolvidas estiverem estas capacidades menor será a probabilidade de plágio.
- » Antes de acusar o estudante de plágio, por ter detectado incongruências de estilo na escrita, procure obter provas precisas: por exemplo, digite no Google os pedaços do texto que suspeita terem sido plagiados ou use software específico para o efeito (existem vários programas informativos especializados na detecção automática de plágio através da comparação de textos).

Fonte (adaptado):
University of Leicester:
Student Learning Centre and the English Language Teaching Unit
Teaching International Students Guide: www.le.ac.uk/sic

9 - DESMOTIVAÇÃO E INDISCIPLINA

Muito do que acabámos de referir a propósito dos factores na origem do plágio aplica-se também a outros problemas no comportamento académico, especialmente no caso do desinteresse/ desmotivação e problemas disciplinares. Problemas de ordem disciplinar são raros entre os estudantes internacionais, mas quando surgem estão frequentemente associados a desconhecimento ou má interpretação de regras e normas. Neste caso, os problemas resolvem-se quase de imediato com a prestação de informação clara e inequívoca.

Em alguns casos, o comportamento disciplinar irregular está associado a um estado de desinteresse do estudante em relação ao curso ou a uma disciplina em particular. Isto pode acontecer com estudantes nacionais, mas a probabilidade de haver escolhas desajustadas é maior para os estudantes internacionais.

No caso de estudantes Erasmus, que estudam num país estrangeiro por períodos curtos de tempo (de um trimestre a um ano académico) as escolhas são muitas vezes feitas antes

da chegada à instituição de acolhimento e frequentemente baseiam-se em informação escassa. Muitas vezes os conteúdos não estão traduzidos e os estudantes decidem, com os seus orientadores na instituição de origem, apenas com base no título da disciplina. Ora, os termos usados e as respectivas traduções podem induzir em erro: uma mesma designação ou designações parecidas podem querer dizer coisas bem distintas em países ou instituições diferentes. Neste caso, o estudante precisa de alguma forma de tutoria à chegada para que as suas escolhas sejam atempadamente avaliadas ou reconduzidas, se for caso disso.

Um estudante motivado e interessado nas matérias leccionadas presta mais atenção ao que é dito nas aulas e escrito nos documentos de apoio e acaba por apreender mais rapidamente os códigos, expectativas, exigências e natureza de cada disciplina. Como tal, a sua adaptação fica facilitada e o sucesso académico viabilizado.

Em alguns casos, o fundo cultural é o elemento chave para compreender o comportamento do estudante que se desvia da norma em uso. Questões como a pontualidade, nível de aproximação/ distância social, uso de títulos e grau de formalidade na interacção com os docentes, falar alto, interromper a aula com comentários mais ou menos pertinentes, cumprimentos de prazos de entrega de trabalhos, nível e forma de contestação, podem ser considerados graves numa cultura e ser perfeitamente tolerados noutra. É importante que o professor tenha em conta as variações culturais no comportamento social antes de dar por problemático ou desviante um dado comportamento.

A boa comunicação e a clarificação atempada das regras adoptadas é fundamental para evitar que um comportamento irregular se agudize e venha a transformar-se num conflito interpessoal, num entrave ao sucesso do estudante ou numa situação embaraçosa para o bom funcionamento das aulas.

**Promover o interesse Pelos conteúdos leccionados e
aumentar a qualidade do desempenho académico:**

- » Use exemplos práticos; peça exemplos aos estudantes, para invocar o seu conhecimento prévio.
- » Organize debates, pequenos projectos, jogos pedagógicos, actividades interactivas e centradas no estudante. Questione e faça questionar.
- » Use recursos variados e interessantes: imagens, filmes, boas apresentações em PowerPoint, pesquisas na internet, materiais manipuláveis (e não só conceitos e abstracções), traga especialistas à aula, use a surpresa e o humor.
- » Organize pequenos estudos comparados: Peça aos estudantes que apresentem o seu ponto de vista e motive-os a comparar as posições de estudantes nacionais e internacionais (atenção!: nem sempre o critério da nacionalidade é adequado; é necessário cuidado para não levar os estudantes a crer que alguns temas dependem da nacionalidade, quando estão em causa outros factores (geração, ideologia, economia, opções pessoais, conhecimentos prévios, socialização, etc.).
- » Reconheça os pontos fortes das intervenções; valorize, elogie e critique de forma positiva e construtiva.
- » Estimule a aprendizagem da língua nacional e leve os estudantes Internacionais de línguas maternas diferentes do Português a sentir-se à vontade ao usá-lo; porém, não insista na língua quando o importante é a expressão do pensamento, a participação activa na aula e a comunicação de ideias (não misture alhos com bugalhos).
- » Faça perguntas, interesse-se pelo que os estudantes têm a dizer, pratique a escuta activa e ensine-os a escutar-se activamente uns aos outros.

- » Na aula, mantenha um ambiente de respeito mútuo, curiosidade, comunicação fluida e flexibilidade mental e emocional.

Os debates e conversações nas aulas são uma forma interessante para recarregar as baterias motivacionais e reconduzir a atenção dos estudantes quando começam a parecer cansados ou menos atentos. Por outro lado, é importante saber conduzir os debates especialmente quando estão em jogo temas controversos ou que facilmente suscitam a inflamação dos ânimos. Uma aula não se pode confundir com uma discussão brejeira ou um arrufo de adversários de futebol em confronto. Um debate excessivamente conflitual é um debate perdido, gerador de tensão e desmotivador e pouco propício à aprendizagem. Seguem algumas recomendações para a orientação de debates interessantes e participados por todos, tendo em consideração a presença de estudantes Internacionais.

Debate e conflito na sala de aula

- 1- Durante os debates em aula dê prioridade à procura de consensos em vez de se centrar na crítica das opiniões individuais. Em certas culturas isso é mal aceite.
- 2- Não ignore as implicações negativas de comentários de colorido racista, anti-religioso, homofóbico, sexista ou discriminatório de alguma outra forma). Encoraje o estudante que proferiu o comentário a analisar os pressupostos por detrás daquilo que disse em vez de lhe chamar racista, sexista, etc.
- 3- Ajude os estudantes a falar a partir da sua experiência (e.g. “eu penso... de acordo com a minha experiência... verifiquei que...”) em vez de generalizarem (e.g. diz-se que... nós achamos que... a verdade é que...).
- 4- Defina regras para as discussões e debates em aula de forma a manter o diálogo respeitoso.
- 5- Proteja os estudantes de ataques pessoais. Reforce a ideia de que os debates são sobre ideias e temas, não sobre pessoas em concreto.
- 6- Reorienta a discussão – desvie das pessoas e volte a centrar nos temas.

Fonte:
University of Virginia
Teaching Resource Center (TRC): <http://trc.virginia.edu>

10 - INCIDENTES CRÍTICOS, CASOS CONTROVERSOS, VISÕES DO MUNDO

As dicas sobre gestão de debates na aula apresentadas no ponto anterior funcionam mas não resolvem todas as divergências. Alguns dos problemas vivenciados na relação pedagógica ultrapassam o foro estrito da actuação pedagógica e entram nos domínios da percepção cultural, da religião, das escolhas éticas/ deontológicas.

Em vários momentos professor pode confrontar-se com dilemas e situações ligadas a assuntos controversos, para os quais as respostas têm que ser procurada além do âmbito

estrito da Pedagogia. Muitos problemas e situações controversias que surgem no meio universitário podem ter um fundo de ordem religiosa, política e cultural e derivar das

mundovisões das pessoas envolvidas. Se alguns desses problemas podem ser facilmente resolvidos com uma pequena negociação, já outros encontram no meio acadêmico as mesmas dificuldades que na sociedade em geral.

Os incidentes críticos que apresentamos no anexo 6 ilustram essas zonas de incerteza. Compete a cada professor explorar as suas próprias convicções e competências, numa perspectiva de auto-aperfeiçoamento pessoal e profissional. Se confrontado com casos idênticos o que faria? Onde iria buscar as ferramentas para resolver os incidentes? Sugiro que a análise destes incidentes críticos seja feita nessa perspectiva auto-reflexiva. “Conhece-te a ti mesmo...” (diria o filósofo) para que possas conhecer o outro, ensiná-lo e aprender com ele. O anexo 2 (Coisas a perguntar-se) e o anexo 4 (Avaliação da Sensibilidade Intercultural) foram também incluídos para auxiliar essa tarefa individual.

NOTAS FINAIS

Grande parte do que aqui fica dito pertence ao domínio da pedagogia geral: os conhecimentos usados apenas foram aplicados e concretizados no caso do ensino de estudantes Internacionais. Muitos destes conhecimentos são, na sua base, regras de bom senso em matéria de educação. As condições de aprendizagem, poderíamos dizer, não têm nacionalidade e parte do que fica dito não é nada de surpreendente para um professor eficaz e experiente. Além disso, com o fenómeno da globalização, verifica-se a tendência para uma aproximação das gerações jovens em matéria de hábitos, preferências e estilos de comportamento. Todos estes factores nos poderiam ter desmotivado de escrever este texto e poderiam desmotivar também o leitor. Além disso, o presente guião não inclui toda a panóplia de casos complexos que se apresentam ao professor de estudantes (inter)nacionais, pelo que pode ser visto como um material incompleto. Depois, nem foi escrito como um livro de receitas nem pode ser usado como tal. Para quê o cuidado, então?

Neste texto dirigimo-nos mais directamente aos professores menos experientes, mas na esperança de que algumas dicas também possam ser aproveitadas pelos mais experientes. Este guião tem a sua base pedagógica consolidada no conhecimento de inúmeros peritos no ensino de estudantes internacionais e igualmente nos princípios mais sólidos de ensino e aprendizagem que informam as ciências da educação. A pedagogia pode ter algo de arte e inspirar-se em talentos pessoais, mas, acima de tudo, é uma ferramenta (que inclui princípios teóricos e conceitos rigorosos, técnicas precisas e estratégias reforçadas na sua validade pela investigação) que merecem ser olhadas como algo mais do que idiosincrasias do professor.

Por outro lado, respeita-se também o pressuposto de que “a cultura conta”. Todos somos entidades culturais e parte da nossa identidade resulta das pertenças a grupos culturais (étnicos, religiosos, linguísticos e nacionais). No ensino de grupos culturalmente diversos é fundamental ter isto presente. Este texto não teve intenção de explorar as questões culturais, nem seria o lugar adequado para o fazer, mas baseou-se também no corpo de conhecimentos trazidos à luz pela psicologia social, pela psicologia cultural e pela sociologia. A língua e a cultura desempenham papéis centrais no palco da aprendizagem.

Os estudantes internacionais podem ter – e têm – inúmeras parecenças com os

estudantes nacionais, mas essas parecenças podem ser superficiais e enganosas e gerar a ilusão de que aquilo que funciona com uns funciona com todos. Mesmo que seja o

indivíduo e não a cultura o foco do ensino, para que o ensino seja eficaz com todos é necessário que se desoculte a diversidade escondida pelo manto da vulgaridade de tatuagens, piercings, cortes de cabelo, modas e estilos globais e se use a perspicácia e a sensibilidade cultural a favor de um ensino internacional de qualidade.

REFERÊNCIAS

- Arkoudis, S. (s.d.). *Teaching international students: Strategies to enhance learning*. CSHE (Centre for the study of Higher education of The University of Melbourne. Acesso no website do CSHE em: <http://www.cshe.unimelb.edu.au>
- Biggs, J. (1997). Teaching across and within cultures. *In Learning and teaching in higher education: advancing international perspectives: Proceedings of the Higher Education Research and Development Society of Australasia Conference*, 8-11 July, 1997.
- Chen, G. (January 1997). A Review of the Concept of Intercultural Sensitivity. Paper presented at the Biennial convention of Pacific and Asian Communication Association. Honolulu, Havai. Recolhido da WWW em 12 de Dezembro de 2008 em: http://www.eric.ed.gov/ERICDocs/data/ericdocs2sql/content_storage_01/0000019b/80/16/a9/0e.pdf
- Gonçalves, S. (Junho, 2009). Internacionalização em casa: A experiência da ESEC. *Exedra*, nº1, pp. 139-166. Disponível online na página da Revista Exedra: <http://www.exedrajournal.com/>
- Gonçalves, S.; Gifford, C.; Wolodzko, E.; Radó, E. (2008, Maio). Intercultural Understanding and Learning: Higher Education for European Citizenship. Workshop dinamizado no âmbito da Tenth European Cice Conference: Reflecting on Identities: Research, Practice and Innovation (29-31, Maio, 2008. Istambul University, Turkey).
- Lindsey, D.B., R. Martinez, & R.B. Lindsey (2007). *Culturally Proficient Coaching: Supporting Educators to Create Equitable Schools*. pp 151-152. Thousand Oaks, Calif.: Corwin Press.
- McNamara, K.; Skorka, I. (2007). Social Integration of International Students: encouraging the formation of friendships with local students in the mainstream secondary school context. Comunicação apresentada no 2007 ISANA International Conference "Student success in international education" (27-30 de Novembro de 2007, Stamford Grand, Glenelg, Adelaide, Austrália). Acedido em 7 de Junho de 2009 em: <http://www.isana.org.au/files/isana07final00039.pdf>
- Nainby, K.; Warren, J. T.; & Bollinger, C. (2003). *Articulating Contact in the Classroom: Toward a Constitutive Focus in Critical Pedagogy. Language and Intercultural Communication 3:3*.

CENTROS DE RECURSOS (WEBGRAFIA)

- » Center for Global Education: www.studentsabroad.com
- » Canadian Bureau for International Education: <http://www.cbie.ca/>
- » Escola Superior de Educação de Coimbra, Projecto OPDES: www.esec.pt/opdes
- » CEDEFOP: www.cedefop.europa.eu
- » European Union (Education and Higher Education): <http://ec.europa.eu/education>
- » Eurydice: <http://eacea.ec.europa.eu>
- » Oxford Brookes University, Oxford Centre for Staff and Learning Development: www.brookes.ac.uk/services/ocsd
- » Ohio State University, Center for the Advancement of Teaching: <http://ucatech.osu.edu>
- » University of Leeds, Staff and Departmental Development Unit: www.leeds.ac.uk/sddu
- » University of Leicester, Teaching International Students Guide: www.le.ac.uk/sic
- » University of Virginia, Teaching Resource Center: <http://trc.virginia.edu>

ANEXO 1

Estudar lá fora: Ajustamento e choque cultural

Choque cultural

Usamos a expressão choque cultural para nos referirmos às dificuldades de adaptação a uma cultura diferente daquela que nos é familiar.

Viver e estudar num país estrangeiro e num contexto cultural diferente é habitualmente uma das experiências mais gratificantes e intensas da vida de um estudante. A descoberta das variações de costumes, hábitos, normas de comportamento, crenças, formas de organização da vida e dos relacionamentos sociais, língua e tradições culturais é excitante e ao mesmo tempo que permite conhecer outra cultura faz também com que se conheça melhor a nossa.

Mas esta experiência de imersão cultural pode que gerar stress e ansiedade. O choque cultural é um processo normal e comum e passageiro na maioria dos casos. Afecta mais os estudantes que não têm experiências interculturais, levando-os a sentir-se desorientados e inseguros. A adaptação ao

O choque cultural pode ter várias fases, que acontecem de forma diferente com diferentes pessoas, variando em duração e intensidade. Steven Rhinesmith propôs um esquema de dez etapas que compara o choque cultural a uma viagem emocional na montanha russa, cheia de altos e baixos. Cada ponto alto de excitação é seguida por uma fase de desorientação e frustração.

Estádios 1 a 5: imersão na nova cultura

Antes da partida o estudante pode sentir-se excitado pela aventura que vai viver e ao chegar é normal que, durante as primeiras semanas as suas expectativas sejam muito altas. Normalmente a comparação com a cultura de origem leva a que se foque naquilo que considera os pontos fracos da cultura anfitriã o que acaba por conduzir à frustração por não obter neste país o que obtém no seu país de origem. As situações que provocam estas comparações são constantes (bancos, comida, relacionamentos, etc) e os

novo meio cultural é facilitada quando se conhecem as características deste processo e estratégias para lidar com ele.

O choque cultural pode provocar:

Stress e problemas fisiológicos:

- 1- Ansiedade,
- 2- Perda de apetite,
- 3- Problemas gastrointestinais, palpitações,
- 4- Alterações do sono (insónia ou sonolência excessiva...)

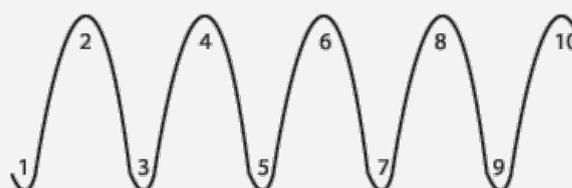
Problemas emocionais:

- 1- Angústia, confusão
- 2- Irritação e ira
- 3- Desagrado, frustração
- 4- Tristeza, depressão
- 5- Receios infundamentados
- 6- Saudades de casa e solidão

Stress:

os desafios ao equilíbrio emocional e mental podem são maiores quando se vive o choque cultural. Até a fadiga mental resultante de estar num fuso horário diferente ou de se falar uma língua estrangeira (mesmo que fale a língua, poderá não compreender algumas conversas devido ao uso de frases idiomáticas ou calão ou por as pessoas falarem demasiado depressa) podem tornar os sintomas do choque cultural mais perturbadores.

sentimentos negativos e a frustração podem atingir um nível em que é fácil reconhecer que se está a viver o choque cultural.



Os dez estádios do ajustamento cultural
propostos por Steven Rhinesmith

- » initial anxiety / Ansiedade Inicial
- » initial elation / negação inicial
- » initial culture shock / Choque cultural inicial
- » superficial adjustment / Ajustamento superficial
- » depression-frustration / Depressão-frustração
- » acceptance of host culture / aceitação da cultura de - acolhimento
- » return anxiety / ansiedade do regresso
- » return elation / negação inversa
- » re-entry shock / choque inverso
- » reintegration / reintegração

Fontes: Center for Global Education e "Returning Home", pelo Canadian Bureau for International Education, 1984, p. 7.

Estádio 6: Aceitação da nova cultura

À medida que o estudante se adapta ao novo país e sua cultura, aquilo que antes parecia uma situação de crise passa a ser visto como uma forma diferente de fazer as coisas. A maioria dos estudantes adapta gradualmente o seu estilo de vida às normas do país de acolhimento. Os traços culturais que antes o aborreciam ou preocupavam passam a ser aceites como normais e as diferenças entre esta e a sua cultura de origem passam a ser compreendidas e apreciadas. Podem acontecer regressões ao estado de frustração quando surgem problemas significativos, mas à medida que adaptação cultural aumenta estas regressões perdem significado e o estudante tem mais facilidade em fazer novos amigos, viajar mais e integrar na sua forma de vida os estilos culturais aprendidos.

Estádios 7 a 10: Deixar a nova cultura

Quanto mais integrado o estudante estiver, mais difícil será readaptar-se quando regressar ao seu país. Este não parecerá o mesmo e o estudante poderá tornar-se crítico em relação a aspectos que antes considerava normais. Trata-se do choque cultural inverso. Isto não deve impedir o estudante de procurar integrar ao máximo a cultura do país de acolhimento, pois o choque inverso acontecerá na mesma, tanto mais quanto mais tempo tiver estado a viver no estrangeiro. E depois, ao longo do tempo, irá readaptar-se e reintegrar a sua cultura de origem, mas agora num patamar superior. A sua sensibilidade e competência intercultural serão maiores e vão ajudá-lo a adaptar-se melhor e mais depressa às experiências interculturais seguintes.

Saudades de casa

As saudades, ou angústia de separação, como lhe chamam os psicólogos, são um sintoma comum associado ao choque cultural e ao viver fora de casa e longe dos amigos e família. Os estudantes podem sentir as saudades de casa e a solidão em maior ou menor grau e em diferentes graus de intensidade. As saudades podem começar ainda antes da partida e o estudante pode sentir-se ansioso e deprimido várias semanas antes de partir, ao antecipar a viagem e preparar-se para uma grande mudança na sua vida. Pode apetecer-lhe desistir na mobilidade. As saudades de casa podem ser mais intensas durante a estadia no país estrangeiro em alturas como proximidade de datas de aniversário, festas de família, no inverno e dias mais escuros ou chuvosos e frios.

Felizmente, há estratégias que ajudam a tornar estes sentimentos menos difíceis de suportar

Adaptação e choque cultural: checklist

- » Estou suficientemente familiarizado com as diferenças entre o meu país e aquele para onde vou estudar (i.e., religião, língua, leis).
- » Compreendo que é normal experimentar o choque cultural, incluindo a ansiedade, depressão e frustração.
- » Sei a quem pedir ajuda se a depressão se agravar (e.g. conselheiro, tutor, gabinete de apoio ao estudante).
- » Sei que haverá dias bons e dias menos bons enquanto aprendo a lidar com o choque cultural, e serei paciente comigo enquanto me adapto.
- » Sei que não sou o único a sentir-me assim.
- » Procurarei não ser negativo ou demasiado crítico acerca da cultura do país de acolhimento. Em vez disso, irei procurar activamente os lados positivos dessa cultura.
- » Vou esforçar-me por fazer amigos locais, em vez de me rodear apenas de estudantes da minha nacionalidade.
- » No regresso, serei paciente comigo mesmo, quando experimentar o choque cultural reverso.

Dicas para lidar com as saudades de casa:

- » Não esperar que as saudades desapareçam por si só. Se for muito difícil suportar este sentimento, fale com alguém (amigos, colega de quarto, conselheiro, psicólogo, tutor). É bem provável que se partilhar com outros estudantes internacionais estes sentimentos eles digam que se sentem da mesma forma.
- » Trazer algo de casa, como fotos de amigos e família, cds e objectos favoritos, receitas culinárias...
- » Criar uma rede social de amizades com estudantes locais e passar tempo com eles: isso realmente ajuda e alivia a saudade.
- » Ser paciente consigo mesmo à medida que se vai adaptando a diferenças culturais inesperadas.
- » Criar oportunidades para se manter ocupado em vez de ficar a pensar nas saudades que sente. Trabalhar em part-time, fazer voluntariado, viajar, entrar para um clube ou associação ou fazer desporto são tudo boas ideias.

(ver caixa ao lado).

Adaptado de: Website do Center for Global Education: <http://www.studentsabroad.com>

ANEXO 2

CHECKLIST: COISAS A PERGUNTAR-SE

A lista identifica questões relevantes para que um professor de estudantes internacionais facilite o sucesso e bem-estar destes estudantes. Trata-se de uma lista específica para esta situação. Naturalmente, as recomendações pedagógicas genéricas que se aplicam aos estudantes nacionais também se aplicam, em regra, a estes estudantes. Preencha os espaços em branco, complementando a lista com as suas próprias questões.

Questionar	✓
» Antes de iniciar o semestre procuro informar-me sobre os estudantes Internacionais matriculados nas minhas disciplinas? Sei onde procurar informação, que serviços me podem facultar os dados de que preciso?	
» No caso de estudantes em mobilidade temporária (e.g. Erasmus) estou informado sobre a sua universidade e curso de proveniência? O que sei sobre a sua cultura, etnia, língua, etc.? Conheço os seus interesses e metas de aprendizagem?	
» No caso de estudantes internacionais de longo curso (e.g. PALOP) estou informado sobre o sistema educativo nos seus países de origem? O que sei sobre a sua cultura, etnia, língua, etc.? Conheço os seus interesses e metas de aprendizagem?	
» Adaptei os recursos de aprendizagem, os materiais que uso nas aulas, os procedimentos de avaliação e metodologias de forma a serem inclusivas?	
» Quando desempenho funções de tutoria/ aconselhamento, procuro manter-me contactável (por email, telefone, no horário de atendimento)?	
» Se desempenhar funções de tutoria/ aconselhamento, sei o que é esperado de mim? Clarifico as minhas funções perante o estudante?	
» Quando o estudante pertence a grupos culturais diferentes do meu, tenho o cuidado de me informar sobre questões sensíveis para esses grupos e para a interacção com os seus membros?	
» Nas aulas, previno a exclusão e as atitudes e comportamentos xenófobos, racistas ou culturalmente inapropriadas?	
» Procuo variar os métodos de ensino de forma a que todos os estudantes beneficiem ao máximo com as aulas?	
» Escolho textos e outros recursos de aprendizagem que resistam às barreiras linguísticas e culturais?	
» Sou suficientemente flexível para adaptar os procedimentos de avaliação aos estudantes Internacionais?	
» Quando planeio as aulas, tomo em consideração os diferentes estilos de aprendizagem? Fomento a aprendizagem activa, através de técnicas, estratégias e actividades experienciais? Dou exemplos claros, faço demonstrações e ofereço prática guiada?	
» Uso estratégias de formação de grupos heterogéneos entre os estudantes e procuro facilitar a integração dos estrangeiros?	
» Evito termos e linguagem herméticos ou que possam ser fonte de mal-entendidos?	
» Questiono as minhas convicções acerca dos conhecimentos prévios, atitudes e comportamentos dos estudantes? Reflecto sobre as crenças/ interpretações erradas que podem ocorrer na aula e em que eu próprio posso incorrer e previno-as?	
» Pratico o questionamento sistemático? Exploro a compreensão dos estudantes, colocando questões? Pratico e mostro escuta activa? Forneço feedback claro, específico e imediato?	

--	--

ANEXO 3

testeMunhos: Estudantes internacionais

O que os estudantes internacionais pensam:

Os depoimentos abaixo transcritos são de estudantes Erasmus da ESEC. Alguns foram encurtados, mas não se alterou a forma como foram escritos. Os temas que se pediu que mencionassem:

- » Sentiu choque cultural? Foi difícil? Que ajuda obteve dos seus professores e colegas?
- » Vê muitas diferenças no ensino em Portugal e no seu país? O que gosta aqui? O que não gosta?
- » Quais são os maiores obstáculos ao sucesso dos estudantes Erasmus?
- » Barreiras com a língua: são difíceis de ultrapassar? Como ultrapassar essas barreiras?
- » Métodos de ensino: quais os que funcionam melhor com estudantes estrangeiros?
- » Quais as suas sugestões para os professores ensinarem melhor os estudantes estrangeiros? Quais são as boas práticas? O que gosta? O que o faz aprender melhor?

tiago Correia, Portugal

“Erasmus...a experiência de uma vida. Cheguei em Outubro a Bialystok (Polónia), cheio de expectativas e desejos. Sentia-me uma nova pessoa, motivadíssimo! Inicialmente, deparei-me com grandes barreiras culturais, tais como as baixíssimas temperaturas, a maioria das pessoas apenas falarem polaco, não conhecer ninguém, a comida diferente... tantos e tantos obstáculos! Decidi - até porque estava doente e tinha forçosamente de ficar no quarto, aprender um pouco polaco por mim próprio. Em boa hora o fiz! Depois de pedir a chave, saudar e despedir-me falando a língua até a senhora da recepção me sorriu! Um novo Mundo me esperava, as pessoas e aquela Polónia que me parecia fria, distante e pouco calorosa, era agora mais quente! A barreira da língua era agora menos um entrave, e com a convivência com italianos, espanhóis e franceses, fizeram com que começasse de um momento para o outro a falar fluentemente os seus idiomas também. Encontrei condições fantásticas para trabalhar, para aprender e pouco tempo depois, esqueci o duro início e estava deslumbrado. Não me tinha enganado. É tudo um sentimento de auto-aprendizagem, partilha e troca de cultura, que nos enriquece de forma irreversível, todos os dias. Erasmus, deu-me um Mundo, outra perspectiva, outra experiência que não tinha (profissional e pessoal), e acima de tudo tornou-me uma pessoa bem mais responsável e competente em várias áreas. “Cresci”. Uma aventura de vida, que todos deviam fazer, e como dizemos todos: “Once Erasmus, Erasmus Forever...”.

Stefania Cannas, Sardenha, Itália

Coimbra é “definitivamente uma cidade pequena e muito cheia de estudantes Erasmus que eu recomendaria a todos para uma experiência como essa. Coimbra é perfeito para os estudantes: o centro é pequeno e, portanto, você pode se mover de forma segura em pé (os ônibus funcionam muito

bem), e os preços são muito baratos em comparação com a Itália.

A coisa que mais me impressionou é o fato de que esta cidade gira em torno de estudantes universitários, porque há muitas cantinas tal. Alimentos Português não é o mesmo que o italiano, mas Portugal tem suas comidas tradicionais, como o Bacalhau com natas delicioso. Outro aspecto que me surpreendeu sobre esta linda cidade são as tradições! Como Latada e especialmente as fitas das queimar, o que eu ouvi falar muito e que, espero, vou ver se posso ir para trás em Maio ... Obviamente, eu acho que a experiência Erasmus é grande em qualquer cidade da Europa, mas eu acredito que o clima dessa ajuda pequena cidade Português para socializar entre alunos, entre os estudantes e está a anos-luz de distância de cidades populosas e insuportável...

Quanto ao idioma Português não é exactamente uma linguagem fácil para um italiano, ou melhor, a escrita é, mas o discurso é muito próximo. Segundo deixar a Itália sem os "compromissos" da família, o namorado, a companhia de amigos, encontrei-me com muito mais tempo livre para mim e meus interesses, a fazer coisas que normalmente não faria e para conhecer e estar com outras pessoas novas. Aqui, penso que este é o verdadeiro significado da experiência Erasmus: não apenas as alterações ou melhorias nos profissionais, mas também um retalho a nível pessoal ...

Şifa Nur Yapici, Turquia (etNia curda)

Actually, I don't think I didn't feel cultural shock at all. Or I felt without being aware of it. But my colleagues were so eager to help about everything, and they let me know their culture in a friendly environment, and teachers were also helpful about anything we ask.

In Portugal I saw differences in courses' approach on curricula in a way more practical less theoretical, and it is a good point. The general can be defined as same as Turkey's, I didn't see so many dissimilarities.

One handicap can be some teacher's demands from Erasmus students, some of them want Erasmus to do the same with other local students, we naturally have problems getting used to live in a different country, with totally different language and maybe also a different course system. I didn't encounter a handicap like this, but some of my friends did. My problems were about my courses here, some of them were not relevant to my area of study, but I had no other chance to find same or even relevant content for all courses.

Language barriers? Are they difficult to surpass? Well, at this point we understand having a communication and telling or receiving a situation is more than a language, being a human is enough sometimes :) I saw many things that are universal, and observing that was great. Sometimes a little word saved my time in conversation with Portuguese people, I learned to improve my gestures while expressing my matters in public. Sharing same emotions without talking same words is one of the things make me love living on this earth :)

Teaching methods: what works best with international students? Dividing them into groups, mixing them with Portuguese students, understanding the language problem. Also it's better giving them English supplies and if the teacher doesn't know English, providing a student who can explain the context in English.

AiNa Roda, Espanha (CaTaluNha)

Os primeiros dias ali estiverom cheios de soupresas, os estudantes com os trajes que eu achaba homens e mulheres de negocios, os primeiros convivios, uma cidade pequena mas que tinha umos segredos tao bem guardados. Eu, uma das coisas mais importantes que ali aprendi foi uma palavra que nunca vou a esquecer, saudade. Acho que poucas linguas tem esta palavra tao simple é que significa muito, em espanhol é “echar de menos” mas para mim, os sentimento que sento, que desperta em mim, nao é o mesmo, a saudade tenhs que viverla para poder saber o que é.

Coimbra é uma ciudade que sempre esta viva porque alberga a muito estudantes de muito sitios diferentes, ali niguem tem familia, os amigos vao a ser a tua familia, vao a aser a pessoas com que confiar.

As aulas ali nao foirom dificis, nao para mim porque o catalao e o espanhol tinham me ajudado, os profesores exigeram me bastante, com um profesor fiquei muito mala, tenho muita mala recordação deles porque cobriou me de ridículo diante da turma, mas por o geral fiquei bem ainda que tambem tive a sensação que os profesores entre se nao tem muita boa relação. Na escola os profesores sempre estao mais pertos dos estudantes, dispostos a te ajudar en tudo o que precisares.

Depois de estar em Coimbra cinco meses fiquei com uma das melhores recordações, chevei me conmigo amizades que nunca tinha imaginado. Como pessoa tambem troquei, a melhor, aprendi muitas coisas, a convivência, as linguas (o ingles porque morava com muitas raparigas nórdicas, é tambem alemao porque fiz aulas ali), a ser independente o qual tem muitas responsabilidades,... Agora tenho a necessidade de ler em português, estou a ler o Código da Vinci, para Queima das fitas vou a voltar a Coimbra, assim voltare a falar um bocadinho esta lingua que um tempo foi a minha.

ANEXO 4

ESCALA DE SENSIBILIDADE INTERCULTURAL:

reflicta sobre as suas atitudes

O que é a sensibilidade intercultural?

Intercultural sensitivity can be conceptualized as “an individual’s ability to develop a positive emotion towards understanding and appreciating cultural differences that promotes an appropriate and effective behaviour in intercultural communication”. (Chen, 1997, p. 5).

Chen, G. (January 1997). A Review of the Concept of Intercultural Sensitivity. Paper presented at the Biennial convention of Pacific and Asian Communication Association. Honolulu, Havai. Recolhido da WWW em 12 de Dezembro de 2008 em: http://www.eric.ed.gov/ERICDocs/data/ericdocs2sql/content_storage_01/0000019b/80/16/a9/0e.pdf

Capacidade de ter emoções positivas a respeito das diferenças culturais, tornando a comunicação intercultural mais eficaz.

1 Discordo	2 Discordo	3 Nem concordo	4 Concordo	5 Concordo	Grelha de resposta: Leia cada frase e responda tendo em conta a sua primeira impressão, colocando o dígito correspondente à escala adiante identificada: 1. Discordo totalmente; 2. Discordo; 3. Nem concordo nem discordo; 4. Concordo; 5. Concordo totalmente
					1- Gosto de interagir com pessoas de outras culturas.
					2- Penso que as pessoas de outras culturas têm mente fechada.
					3- Tenho confiança em mim quando interajo com pessoas de outras culturas.
					4- Considero muito difícil falar na presença de pessoas de outras culturas.
					5- Sei sempre o que dizer quando interajo com pessoas de outras culturas.
					6- Consigo ser tão sociável quanto quero quando interajo com pessoas de outras culturas.
					7- Não gosto de estar com pessoas de outras culturas.
					8- Respeito os valores das pessoas de outras culturas.
					9- Fico facilmente preocupado quando interajo com pessoas de outras culturas.
					10- Sinto-me confiante quando interajo com pessoas de outras culturas.
					11- Procuo não me precipitar a formar uma impressão sobre pessoas de outras culturas.
					12- Quando estou com pessoas de outras culturas é comum ficar desencorajado.
					13- Tenho mente aberta relativamente a pessoas de outras culturas.
					14- Quando estou com pessoas de outras culturas tendo a ser muito observador.
					15- Frequentemente sinto-me inútil quando estou com pessoas de outras culturas.
					16- Respeito a forma como se comportam as pessoas de outras culturas.
					17- Procuo obter o máximo de informação possível quando tenho que interagir com pessoas de outras culturas.
					18- Eu não aceitaria as opiniões de pessoas de outras culturas.
					19- Quando interajo com alguém de outra cultura sou sensível e atento às subtilezas dos significados daquilo que diz essa pessoa.
					20- Penso que a minha cultura é melhor do que as outras.
					21- Quando interajo com alguém de outra cultura, frequentemente sou positivo na forma como respondo essa pessoa.
					22- Evito as situações em que vais er necessário relacionar-me com pessoas de outras culturas.
					23 Habitualmente, quando comunico com alguém de outra cultura, mostro-lhe o meu entendimento do que está a ser dito através de palavras e sinais não verbais.
					24- Quando interajo com alguém de outra cultura tenho sentimentos de agrado face às diferenças entre mim e essa pessoa.

Cotação e visualização das respostas

Forma de cotação de resposta

Reverta a cotação dos itens nº 2 – 4 – 7 – 9 – 12 – 15 – 18 – 20 – 22 (transforme 5 em 1; 4 em 2; 2 em 4; 1 em 5).
 Depois desta inversão, some os resultados dos itens:

1+11+13+21+22+23+24 (resultado = ___) – esta é a sua cotação no factor 1: Envolvimento intercultural

2+7+8+16+18+20 (resultado = ___) – esta é a sua cotação no factor 1: Respeito pelas diferenças culturais

3+4+5+6+10 (resultado = ___) – esta é a sua cotação no factor 1: Confiança na Interação

9+12+15 (resultado = ___) – esta é a sua cotação no factor 1: Prazer na Interação

14+17+19 (resultado = ___) – esta é a sua cotação no factor 1: Atenção na Interação

Transfira os resultados para a grelha abaixo.

Forme um gráfico, unindo numa linha as 5 pontuações. Reflicta sobre os resultados.

Não esqueça: a sensibilidade intercultural é dinâmica, pode aumentar, se nos esforçarmos por isso.

	Factor 1 Envolvimento intercultural	Factor 2 Respeito pelas diferenças culturais	Factor 3 Confiança na Interação	Factor 4 Prazer na Interação	Factor 5 Atenção na Interação
5 Sensibilidade intercultural Elevada	35	30	25	16	16
	33-34	29	24	15	15
	31-32	27-28	23	14	14
	29-30	25-26	21-22	13	13
4 Sensibilidade intercultural Boa	27-28	24	19-20	12	12
	25-26	22-23	18	11	11
	23-24	20-21	17	10	10
	22	19	16	10	10
3 Sensibilidade cultural Média	21	17-18	14-15	9	9
	19-20	16	13	8	8
	17-18	15	12	7	7
	15-16	13-14	11	7	7
1-2 Sensibilidade cultural Fraca	13-14	12	10	6	6
	11-12	11	9	5	5
	9-10	9-10	8	4	4
	7-8	7-8	7	3	3
	5-6	5-6	5-6	3	3
	3-4	3-4	3-4	2	2
	1-2	1-2	1-2	1	1

Observações: _____

ANEXO 5

GUIÃO ORIENTADOR PARA O PROFESSOR-TUTOR DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS

Definição de Professor-Tutor de estudantes internacionais

- » Docente responsável pelo apoio à integração e acompanhamento pedagógico de estudantes internacionais que efectuam um período de estudos temporário na ESEC.

MODELO Em USO NA ESEC

O presente anexo inclui elementos extraídos do modelo em uso na Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC). O texto destina-se a auxiliar os professores que desempenham a função de Professor-tutor de estudantes internacionais (no âmbito do programa Erasmus ou de outros programa de mobilidade).

A orientação de estudantes estrangeiros tem uma natureza própria e por isso requer actividades específicas a que o Professor-Tutor deve estar sensível para desempenhar o seu papel com eficácia. O guião procura esclarecer dados os procedimentos e boas práticas relativos a esses aspectos específicos. Para consulta do documento completo ver www.esec.pt/gri.

O QUE SE ESPERA DO PROFESSOR-TUTOR/ QUAIS SÃO AS SUAS FUNÇÕES?

O Professor-Tutor orienta o estudante (Erasmus ou em mobilidade no âmbito de outro programa) em todas as questões de ordem pedagógica relacionadas com o período de estudos na ESEC e cumprindo os preceitos próprios do programa em que o aluno está integrado. Em geral, as principais funções consistem em orientar o estudante na escolha das unidades curriculares a frequentar, na organização do horário individualizado e na prestação de informações académicas relativas a regulamentos, funcionamento e normas em vigor da ESEC. Em alguns casos, estas funções podem ser alargadas ao domínio da integração sociocultural.

Podemos dividir as funções do professor-tutor em três categorias distintas:

Integração Académica do estudante estrangeiro

- » Analisar o plano de estudos inicial (muitas vezes conhecido antes da chegada do estudante à ESEC)
- » Reunir com o estudante nos primeiros dias da sua estadia na ESEC, prestando informações gerais relevantes para que compreenda como a escola e os cursos funcionam;
- » Conferir com o estudante se as disciplinas escolhidas são adequadas às suas necessidades e exigências da universidade de origem.
- » Ajudar o estudante a definir um plano de estudos definitivo ou a corrigir o plano se necessário, de preferência antes de iniciarem as aulas e sempre ou as primeiras semanas.

*[ver abaixo **Orientações para resolução de problemas comuns**]*

- » Ajudar o estudante a fazer o seu horário, recorrendo para tal aos horários dos cursos/turmas divulgados pelo CD.

- » Explicar ao estudante os procedimentos relativos a assiduidade, avaliação, consulta de informação – sumários, materiais de estudo, ... – na página web da ESEC.

Integração Social/ Cultural do estudante estrangeiro

- » Responder às dúvidas do estudante acerca de aspectos de natureza social e cultural importantes para que a sua integração se faça da melhor forma na ESEC;
- » Manter-se atento e alertar os serviços (GRI, NAA, Responsável de Curso) para problemas de integração (como a desorientação devida ao desconhecimento de aspectos específicos do funcionamento organizacional e cultural) e eventuais problemas psicológicos ou desordens de comportamento – isolamento, ansiedade, depressão, alcoolismo, comportamento agressivo, etc)
- » Informar o aluno sobre iniciativas culturais que lhe possam interessar (exemplo, uma visita de estudo na qual pode participar, mesmo que seja de outro curso ou turma, um espectáculo ou acontecimento importante na cidade ou no país, etc)
- » Fornecer referências ou explicações sobre particularidade da língua e cultura portuguesa que favoreçam a apreciação da língua e cultura portuguesa e contribuam para que o estudante a aprecie e valorize.
- » Estar atento e contribuir para a resolução de eventuais conflitos ou mal-entendidos que possam surgir entre o estudante e os seus colegas ou professores.

Colaboração GRI/ Professor-Tutor

- » Apresentar sugestões para melhorar os procedimentos a respeito do acolhimento dos estudantes estrangeiros;
- » Participar nas iniciativas organizadas pelo GRI e se destinem aos estudantes e seus tutores (por exemplo, a Semana de Acolhimento, os passeios culturais, as actividades da Semana Internacional focadas no estudantes internacionais, etc.);
- » Induzir os docentes de disciplinas frequentadas pelo estudante a apresentarem os resultados de avaliação com a celeridade necessária (por vezes o estudante regressa ao seu país antes do final do semestre e necessita da avaliação antes dos prazos normais no calendário de avaliação da ESEC para os restantes estudantes);
- » Analisar com estes docentes alternativas justas e viáveis aos modos de avaliação (por exemplo, possibilidade de o estudante fazer o exame em inglês; exames orais em vez de escritos; trabalhos escritos em vez de exames; trabalhos de grupo em vez de individuais ou vice-versa; negociação de apoio tutorial de outros estudantes; para acompanhamento das aulas, etc.)

SER PROFESSOR-TUTOR é Um TRABALHO EXIGENTE Em TERMOS DE CONSUMO DE HORAS?

O que se verifica é que a parte mais intensiva do trabalho de tutoria ocorre nas duas primeiras semanas após a chegada do estudante, centrando-se esse esforço na organização do plano de estudos e do horário do estudante. Há muitos casos em que estes assuntos ficam resolvidos logo na primeira reunião. Muitos estudantes trazem já decisões adequadas sobre o que querem estudar, sendo necessários poucos ou nenhuns ajustamentos. Pelo facto de o GRI disponibilizar actualmente uma lista de identificativa de unidades curriculares com o nome em português e inglês e com informações relevantes (ECTS, código, sigla, horas semestre/ horas semana, sigla no programa de horários, docente) este trabalho inicial está bastante facilitado e isso permite que o próprio aluno possa organizar-se de modo muitas vezes autónomo na construção/ correcção/ verificação do seu plano de estudos e horário.

A integração social e cultural também costuma ser um processo pouco exigente em termos de envolvimento do Professor-Tutor. Na sua maioria, os estudantes e resolvem

os seus problemas sozinhos ou com a ajuda de colegas e outras estudantes nacionais e estrangeiros. Além disso, à medida que o semestre progride e as dúvidas iniciais

desaparecem estes estudantes tendem a entrar em circuitos e redes sociais com outros estudantes e muitos deixam de requerer o apoio do Professor-Tutor. No entanto, porque cada pessoa é um caso único, há casos excepcionais a que é necessário prestar mais atenção, quer em termos académico quer em termos socioculturais e, por vezes, também psicológicos.

ORIENTAÇÕES PARA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS COMUNS

No quadro abaixo identificam-se os problemas mais frequentes na organização de um bom plano de estudos. Para facilitar o trabalho do Professor-Tutor apresentamos algumas sugestões práticas para a resolução de tais problemas.

tipo de problema	Estratégias
O estudante escolheu a disciplina com pressupostos errados (e.g. má interpretação do título);	Desfaça o equívoco: explique o teor da disciplina, apresente a sinopse da disciplina; fale com o docente que a lecciona e peça-lhe que preste esse esclarecimento.
O estudante está equivocado a respeito da natureza ou conteúdos da disciplina;	
O estudante escolheu poucas ou demasiadas unidades curriculares/ ECTS;	Pressupõe-se que as UC a frequentar devem corresponder a 20 ECTS por trimestre, 30 ECTS por semestre e 60 ECTS por ano lectivo. Ajude o estudante a fazer os ajustamentos necessários, incluindo UC, retirando UC ou substituindo UC como for conveniente.
O estudante pretende frequentar disciplina de opção que no ano lectivo presente não estão em funcionamento;	Analise alternativas – por vezes os mesmos conteúdos são tratados em UC com outras designações ou leccionadas noutros cursos. O estudante internacional não está obrigado a frequentar apenas disciplinas de um curso e ano.
O estudante não consegue decidir o que pretende pelo facto de o seu plano de estudos na universidade de origem ser muito diferente das ofertas disponíveis na ESEC;	Comece por tentar perceber bem aquilo que se pretende com a mobilidade. Ao fazer perguntas ao estudante está a ajudá-lo a clarificar os seus interesses. Poderá ser adequado orientá-lo para pedir orientações ao seu coordenador na universidade de origem.
O estudante escolheu disciplinas que são leccionadas em horário simultâneo no semestre em causa;	Veja se há alternativas (a mesma EC leccionada noutro horário a outra turma) ou outra UC que substitua aquela e que seja mais compatível com o horário.
O estudante só vem por um semestre e escolheu disciplinas do outro semestre;	O estudante tinha realmente que frequentar aquelas? <i>Sim:</i> talvez seja possível encontrar outras disciplinas semelhantes ou da mesma área de conhecimento, que podem substituir as escolhidas originalmente. <i>Não:</i> o plano deve ser redefinido, atendendo às motivações e estudos do estudante e às condições práticas das UC em funcionamento.
O estudante traz recomendações dos seus coordenadores que não são compatíveis com a organização pedagógica dos cursos na ESEC;	Informe o estudante sobre esta situação e diga-lhe que peça orientações ao coordenador na universidade de origem.
O estudante não parece ter ideias claras sobre o que pretende estudar da ESEC	Oriente o estudante para disciplinas práticas, onde não seja tão forçoso compreender a língua de ensino
O estudante toma más decisões no plano de estudos por causa das dificuldades de comunicação linguística (não domina o português e não comunica em línguas comuns como o inglês).	Motive-o para o curso de Português; motive-o para participar no Programa de Conversação coordenado pelo GRI; oriente o estudante para disciplinas práticas, onde não seja tão forçoso compreender a língua de ensino; analise o plano de estudos da universidade de origem; peça ajuda a outros docentes.
O estudante quer mudar uma disciplina, mas o semestre já começou.	É aceitável a mudança durante o primeiro mês de aulas. O plano de estudos deve ser alterado e o GRI informado. Será preenchida adenda ao plano.

ANEXO 6

INCIDENTES CRÍTICOS E VARIAÇÃO CULTURAL

ACTIVIDADE AUTO-REFLEXIVA

Os incidentes críticos apresentados abaixo são de Gonçalves, Gifford, Wolodzko e Radó (2008, Maio) e foram elaborados para um workshop internacional destinado a investigadores e profissionais do campo da educação (Universidade de Istambul, 2008). Os incidentes foram escritos tendo em conta situações comuns em turmas Internacionais e que muitos docentes já testemunharam directamente.

Leia cada uma das situações e questione-se sobre o que deveria ser feito no caso concreto, o que faria se estivesse nessa situação, como reagiria, como aconselharia os estudantes. Trata-se de um interessante exercício de reflexão pessoal e pedagógica.

Fonte:

Gonçalves, S.; Gifford, C.; Wolodzko, E.; Radó, E. (2008, Maio). Intercultural Understanding and Learning: Higher Education for European Citizenship. Workshop dinamizado no âmbito da Tenth European Cice Conference: Reflecting on Identities: Research, Practice and Innovation (29-31, Maio, 2008. Istambul University, Turkey).

TURMA BILINGUE

Sarah é uma estudante Erasmus britânica que está a estudar na Universidade Blah Blah, em Portugal. Ela estuda literatura inglesa, mas as aulas são leccionadas em língua portuguesa. Embora tenha frequentado um curso de Português para estrangeiros em Inglaterra, ela ainda não se sente à vontade com o Português e não entende muitas ideias nas conversas e nas aulas. Todos os seus colegas e professores compreendem bem o Inglês. Ela pergunta se os debates e discussões de grupo nas aulas podem ser feitos em inglês. O professor pede a opinião aos restantes estudantes, que dizem “estamos em Portugal e aqui fala-se Português. Além disso, não é suposto que esta disciplina seja dada em Inglês. Como tal, não aceitamos a proposta. Discutir esta matéria em Inglês iria fazer com que o nível dos debates fosse de um nível mais baixo e mais simples”. Sarah sente-se desconfortável com esta atitude e pensa que será melhor mudar de turma.

» Deve a Should mudar? Porquê? O que deveria ser feito?

CULTURAS PRIMITIVAS

Miriam vem de um país africano e estuda na Universidade de Yakkenaar, na Holanda. É uma aluna de Antropologia brilhante. Na disciplina da Culturas Comparadas, os estudantes viram um documentário sobre o Sudão, no qual a questão da mutilação genital foi abordada e relacionada com outros rituais religiosos. No final do documentário o professor pediu ao grupo que comentasse. Um estudante holandês disse: “O problema de África é o facto de estas culturas serem realmente primitivas, tribais e contrárias aos direitos humanos. Penso que as não devíamos tolerar e práticas como a mutilação

genital deviam ser banidas. Temos que fazer alguma coisa. Não sei, talvez estas pessoas precisem de ser civilizadas pelo mundo ocidental...”

- » Em protesto, Miriam levanta-se e sai da sala.
 - » O que deveria fazer o professor? Porquê?

TRABALHO DE GRUPO

Faruk matriculou-se no curso algumas semanas após os seus colegas. Ele percebe que tem que trabalhar num projecto em cooperação com dois outros colegas. Porém, o projecto já teve início e todos os estudantes estão já organizados em grupos. Ele diz ao professor que está a ter dificuldade em encontrar um grupo de trabalho. O professor aproxima-se de um dos grupos e pergunta-lhes se não se importam de aceitar um quarto membro para este trabalho. Os estudantes recusam a proposta e um deles diz: “ Professor, isso não é justo. Nós já começámos e não podemos recomeçar a negociar os nossos planos de trabalho. Nesta altura isso iria por o nosso grupo em desvantagem em relação aos outros. Além disso, o Faruk não fala a nossa língua e a comunicação não ia ser nada fácil”.

- » O que deve fazer o professor? Porquê?

IDENTIDADES RELIGIOSAS E DÍALOGO

A Universidade de Turro Turro está sediada numa cidade polaca multicultural, onde a população se divide entre polacos, alemães, russos, ucranianos e ciganos. Embora a maioria dos estudantes sejam polacos e católicos, uma minoria significativa tem outras origens nacionais, religiosas e culturais. Os círculos de amizade entre os estudantes organizam-se primariamente a partir das afinidades culturais e religiosas. A religião católica é uma parte importante da vida na universidade. Muitas celebrações estão ligadas a datas e feriados católicos. Por exemplo, celebrando-se no início do ano lectivo a vida do Papa João Paulo II. A participação dos estudantes nestas festividades é importante para o desenvolvimento do sentido de pertença à universidade e estimulada, mas isso pode envolver um conflito com os estudantes que não são católicos.

- » Como pode ser encorajada a sensibilidade religiosa? Como pode a instituição apoiar a participação plena dos estudantes não-católicos na vida universitária?

CONFLITOS INTERNACIONAIS E POLÍTICOS

A Universidade de Yarra Yarra organiza todos os anos um Dia Comemorativo em memória das vítimas do holocausto. Todos os estudantes são convidados e espera-se que participem de uma forma ou outra. Nesta universidade estudam alguns palestinianos. Estes recusam-se a participar enquanto as forças militares do Estado de Israel forem vistas como forças opressoras que reprimem os seus compatriotas na Faixa de Gaza.

- » Como é que a universidade (e o corpo docente) deveria lidar com este assunto?

CONDUCTA E BOAS MANEIRAS Em SITUAÇÕES SOCIAIS

Há alguns anos, um estudante internacional na Hungria, um albanês do Kosovo, convidou alguns dos seus amigos da universidade para uma festa no apartamento que tinha alugado num prédio residencial. Como sinal de hospitalidade, ofereceu aos seus amigos, quando entraram em sua casa, um cachimbo de água. Quatro dos estudantes

húngaros recusaram o cachimbo, pois não consideravam que fosse uma prática higiénica partilhar o cachimbo. Assim, acabaram por ofender o seu amigo anfitrião.

- » O que aprendemos com este cenário? Como poderia o problema ter sido evitado?

CULTURA E COMPORTAMENTO DO ESTUDANTE

Yasmim usa uma burca. Nos seminários ela usualmente não participa nos debates. Frequentemente põe-se a sussurrar aos ouvidos dos colegas e aproveita as suas vestes para disfarçar o facto de estar a mandar sms do seu telemóvel.

- » Em que medida se trata de um assunto cultural? Como interpreta e como lidaria com este comportamento?

COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL

A turma de estudantes do primeiro ano, numa universidade britânica, foi organizada em grupos para estudarem e fazerem uma apresentação de um tema. Os estudantes podiam formar os grupos livremente, com quem quisessem, na condição de formarem grupos de 3-4. No entanto, duas estudantes inglesas pretendiam fazer um grupo apenas entre elas. A professora disse-lhes que os grupos tinham que ter 3 membros no mínimo. Elas aceitaram dois estudantes polacos no grupo e trocaram números de telemóvel. Porém, a frequência destes estudantes nas aulas era irregular. Algumas semanas antes da data das apresentações as estudantes inglesas disseram à professora que estavam a ter problemas em contactar os colegas polacos e perguntaram se podiam trabalhar só as duas. O mesmo pedido viria a ser feito pelos estudantes polacos, justificando o pedido por as outras estudantes não os contactarem.

- » Qual é o problema aqui? Como é que o professor o deve abordar?



Orientações Pedagógicas para
Docentes do Ensino Superior

Pedagogia no Ensino Superior convite para publicação

O tema central das duas séries de publicações (Cadernos e Manuais Pedagógicos) é a Pedagogia e o processo de ensino e aprendizagem no ensino pós-secundário. Estas séries têm como objectivo promover o sucesso dos estudantes e a eficácia dos docentes, através da difusão de métodos, actividades e estratégias relevantes.

Série de Cadernos de Pedagogia no Ensino Superior

Publicam-se artigos gerais sobre pedagogia e artigos sobre aplicações a domínios e temas específicos. O foco deve ser o ensino superior e o binómio ensino e aprendizagem. São do interesse estudos de caso, exemplos de projectos de sucesso, caracterização de métodos pedagógicos, planos de aulas e orientações práticas. Não serão aceites trabalhos previamente publicados.

- » Cadernos: até 4 números publicados semestralmente; 2 manuscritos por caderno; 4000-5000 palavras por manuscrito; estilo APA recomendado

Colecção temática: Manuais Pedagógicos de Educação Pedagógica

Os Manuais pedagógicos, de natureza monográfica, focam e aprofundam um tema específico, tendo como intenção cobrir a globalidade do tema numa perspectiva aplicada à actividade educativa no ensino superior. Pese embora o rigor conceptual e a fundamentação empírica, estes guias centram-se em práticas facilmente replicadas e adaptadas.

- » Manuais pedagógicos: periodicidade irregular; um único manuscrito em cada manual, de dimensão entre 12.000 e 18.000 palavras; estilo APA recomendado

Exemplos de temas

- | | |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> » Aprendizagem e Motivação » Gestão do comportamento na aula » Aprendizagem activa » Ensino e dimensão do grupo » Promover competências » Métodos de ensino » Recursos de ensino e aprendizagem » Recursos multimédia | <ul style="list-style-type: none"> » E-learning e blended-learning » Desenvolvimento curricular » Avaliação e classificação » Tutoria e ensino individualizado » Competências de comunicação » Ensinar o estudante atípico (internacional, com necessidades especiais, estudantes mais velhos, ensinar à distância,...) » ... |
|--|--|

É bom saber

- » Quatro línguas aceites para publicação: Português, Inglês, Francês e Espanhol;
- » Dimensão e visibilidade internacional
- » Revisão por pares
- » Edição online em www.esec.pt/opdes
- » A versão em papel das publicações depende da obtenção de fundos e não pode ser garantido que a mesma aconteça na mesma altura que a versão digital.

Série de Cadernos de Pedagogia no Ensino Superior e Colecção

temática: Manuais Pedagógicos de Educação Pedagógica

Coordenação: Susana Gonçalves

Equipa Editorial: Susana Gonçalves, Dina Soeiro e Sofia Silva
Edição de: Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC)
email: opdes@esec.pt webpage: www.esec.pt/opdes



Orientações Pedagógicas para
Docentes do Ensino Superior

Pedagogy in higher Education call for papers

The major concerns of this two series (the booklets and the Educational Guides) revolve around the processes of teaching and learning in post secondary education. Methods, activities, strategies and processes that foster the learning process and promote the efficacy of teaching are the core issue in this publication.

booklet series

Both domain specific and general articles are welcome. Case studies, examples of succeeded projects, the explanation of specific teaching methods, study plans and teaching tips are all interesting examples to include in the articles. These could be original contributions or unpublished congress papers.

- » Booklets: up to 4 booklets published twice a year; two manuscripts per booklet, 4000-5000 words each; APA style recommended

Monographic Series

The Educational Guides, of a monographic nature, focus specific topics and aim to provide faculty with specific guidelines for educational activity.

The contributions must be practice-oriented and although rigorous and informed by scientific evidence, they should include orientations for teaching staff, teaching tips, and strategies or methods easily replicated or adapted.

- » Educational Guides: irregular periodicity; one single manuscript of 12.000 to 18.000 words; APA style recommended

Example of topics being covered

- | | |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> » Learning and motivation » Classroom behavior management » Active learning » Teaching and group dimension » Promoting competencies » Teaching methods » Teaching and learning resources » Multimedia resources | <ul style="list-style-type: none"> » E-learning and blended-learning » Curriculum development » Evaluation and grading » Tutoring and Individualized teaching » Communication skills » Teaching atypical students (international students, special needs, older students, distance teaching...) » ... |
|--|--|

Good to know

- » Four languages accepted: Portuguese, English, French and Spanish
- » International scope and visibility
- » Peer reviewed
- » The Booklets and Educational Guides are all edited online at www.esec.pt/opdes
- » Paper versions (already distributed for some numbers) are dependent on funds and cannot be guaranteed to be published at the same time as the online version

Collection of booklets Pedagogy in higher Education and Series of Educational Guides

Coordinator and editor-in-chief: Susana Gonçalves
 Editorial Board: Susana Gonçalves, Dina Soeiro & Sofia Silva
 Published by: Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC)/ College of Education of the Polytechnic Institute of Coimbra
 email: opdes@esec.pt webpage: www.esec.pt/opdes

